



Novembro - Dezembro 2016

A Boa Nova

UMA REVISTA DE ENTENDIMENTO

Jesus Cristo Realmente Existiu?

Página 4

Há Algum Testemunho Verossímil da Vida de Cristo? 9 • Você é um Cristão Prudente e Vigilante? 13 •
Você Não Sabe Que Cristo Está Em Você? 15 • Os Exemplos Surpreendentes das Profecias Cumpridas! 17 •
Natal Antes de Cristo existir? Desmascarando a Origem Desse Feriado Religioso 21 • A ameaça da Imigração 25

3 • Podemos Acreditar nos Evangelhos?

4 • Jesus Cristo Realmente Existiu?

Jesus Cristo era real? Há alguma evidência disso? Apesar do que talvez você tenha ouvido, a documentação histórica é convincente sobre Sua existência. E você precisa entender não apenas para que Ele veio, mas também por que Ele veio!

9 • Há Algum Testemunho Verossímil da Vida de Cristo?

A história de Jesus Cristo e de Seus primeiros seguidores se encontram no Novo Testamento. Mas essa fonte foi fielmente repassada para nós? Será que podemos acreditar no que está escrito? O que nos dizem as evidências?

Coluna Lateral: Um fragmento mais novo do manuscrito do Novo Testamento foi descoberto?

13 • Você é um Cristão Prudente e Vigilante?

O capítulo 25 de Mateus registra a parábola de Jesus Cristo sobre as dez virgens. Que lições Ele pretendia nos dar com essa parábola?

15 • Você Não Sabe Que Cristo Está Em Você?

Somente no primeiro século os cristãos tiveram uma estreita ligação com o Pai e com Cristo? Ou será que hoje em dia nós também podemos ter essa mesma relação?

17 • Os Exemplos Surpreendentes das Profecias Cumpridas!

Na medida em que você aprende sobre o cumprimento detalhado de profecias bíblicas de eventos, que estão agora no passado, você começará a confiar e acreditar plenamente nas profecias de eventos futuros, que ainda vão ocorrer!

21 • Natal Antes de Cristo existir? Desmascarando a Origem Desse Feriado Religioso

A maioria das pessoas sabe que a Bíblia não menciona — e muito menos santifica — o Natal. Mas isso faz alguma diferença, desde que a intenção seja a de honrar a Deus e reunir a família? *Coluna Lateral:* Como surgiu o Papai Noel?

23 • Perguntas e Respostas:

Eu discordo da posição de vocês sobre não celebrar o Natal. Se uma pessoa celebra o nascimento de Jesus em 25 de dezembro com a intenção de adorá-Lo como o Filho de Deus, eu acredito que não estão reverenciando um deus pagão. Deus conhece nossos corações. Adorar a deuses pagãos é pecado, mas usar um simbolismo para auxiliar na compreensão do propósito do Senhor não é contrário ao ensinamento dEle. Deveríamos nos ater ao que nos une ou ao que pode nos dividir?

25 • A ameaça da Imigração • A onda de imigrantes não assimilados levou ao aumento do perigo de estrangeiros às nações ocidentais. Como devemos abordar esse assunto e o que está por vir? *Coluna Lateral:* Uma Perspectiva Cristã sobre os Imigrantes

30 • Eventos e Tendências Atuais

A liberdade medida pela segurança / Os homens-bomba e a promessa do paraíso / A Coreia do Norte continua testando mísseis / Os assassinatos retaliatórios intimidam os críticos do Islã / O partido de Putin vence novamente as eleições: Mais fraudes eleitorais?



21



25

ERRATA

Na última edição da revista A Boa Nova, na matéria intitulada "O Que é a Verdadeira Liderança?", houve um erro de data na página 5, linha 12, onde se lê "9 de Setembro de 2011", leia-se "11 de Setembro de 2001". Pedimos desculpas pelo ocorrido. Corrigimos o erro na versão online.

Quem somos

A Igreja de Deus Unida, *uma Associação Internacional*, encontra as suas raízes na Igreja que Jesus fundou, no início do primeiro século. Seguimos os mesmos ensinamentos, doutrinas e práticas que então foram estabelecidas. A nossa incumbência é de proclamar o evangelho do vindouro Reino de Deus por todo o mundo, como uma testemunha, e de ensinar todas as nações a observar o que Cristo ordenou (Mat 24:14; 28:19-20).

Nós oferecemos esta revista e outras publicações gratuitamente, seguindo a instrução de Cristo: "de graça recebestes, de graça dai" (Mateus 10:8). Isto é feito possível pelos generosos dízimos e ofertas dos membros da Igreja e colaboradores, que voluntariamente contribuem para o suporte desta Obra. Se desejar, de livre vontade dar um dízimo ou fazer um donativo no Brasil, para ajudar esta Obra de Deus, os nossos detalhes bancários são:

Caixa Econômica Federal; **Igreja de Deus Unida, Brasil**
Conta Poupança 7648-8; Operação 013; Agência 3540; CNPJ: 19.443.682/0001-35

Endereços

Brasil: Igreja de Deus Unida
Caixa Postal 2027
Uberlândia – MG,
CEP 38400-983
Telefone: +1 (513) 576 9796

Estados Unidos da América:
Igreja de Deus Unida (Pode pedir em
Português, Espanhol ou Inglês)
P O Box 541027,
Cincinnati, OH, 45254-1027
Telefone: +1 (513) 576 9796

Internet: portugues.ucg.org / Facebook: [Igreja de Deus Unida](https://www.facebook.com/Igreja.deus.unida) / e-mail: info@ucg.org

A Boa Nova é a edição portuguesa da revista Beyond Today



Scott Ashley
Editor-chefe

Podemos Acreditar nos Evangelhos?

Muitas pessoas pensam que a crença na Palavra de Deus é uma questão de fé cega. Mas é realmente assim? *A Boa Nova* se dedica a demonstrar que temos boas razões e provas sólidas para crer na Palavra de Deus, portanto, nossa fé deve ser sólida para enfrentarmos as críticas à Bíblia.

Uma vez que essa questão aborda o tema da existência de Jesus Cristo, como os Evangelhos se harmonizam com a história comprovada e o que sabemos da arqueologia? Livros inteiros foram escritos sobre o assunto, e muito mais está sendo descoberto o tempo todo, mas aqui vamos dar um breve panorama.

Primeiro, vamos listar os indivíduos nos Evangelhos, cuja existência foi confirmada pela arqueologia e pela história. Eles são os seguintes, em ordem alfabética: Anás (sumo sacerdote), Augusto César (imperador romano), Arquelau (governador da Judéia), Caifás (sumo sacerdote), Herodes, o Grande (governador da Judéia), Herodes Antipas (governador da Galileia), Tiago (apóstolo e meio-irmão de Jesus), Jesus Cristo, João Batista, Filipe (governador da Galileia), Pôncio Pilatos (procurador romano da Judéia), Quirino (governador da Síria) e Tibério César (imperador romano).

Que tipo de evidências nós temos sobre essas pessoas? Acerca dos governantes, temos coisas como moedas e estátuas. E quanto às pessoas menos conhecidas, temos escritos históricos (além da Bíblia) e inscrições que ostentam seus nomes em locais e a definição da época em que a Bíblia os cita.

Consideremos outra forma de verificação — as cidades e vilas mencionadas nos Evangelhos que foram identificadas e confirmadas através da história e da arqueologia. Dentre elas, estão: Enom, Betânia, Belém, Betfagé, Betsaida, Cesaréia de Filipe, Cafarnaum, Caná, Corazim, Emaús, Gadara, Genesaré, Gerasa, Jericó, Jerusalém, Magdala, Naim, Nazaré, Nínive, Sidom, Sicar, Tiberíades e Tiro.

O que é muito espantoso é que 80% das cidades e vilas mencionadas nos Evangelhos foram encontradas — restando apenas sete para serem localizadas!

Tenha em mente que dois mil anos se passaram, e muitas delas foram destruídas pelos romanos há quase dois milênios. É impressionante ver que os autores dos Evangelhos identificaram esses locais e sabiam exatamente o que estavam falando, pois estavam muito

familiarizados com os lugares mencionados. Esse tipo de precisão seria impossível se, como argumentam os críticos da Bíblia, os escritores bíblicos estivessem usando a história passada ou estivessem vivendo em um lugar muito distante desses eventos.

Vamos ver a terceira categoria de evidências que confirma os relatos dos Evangelhos — as *estruturas específicas* confirmadas pela arqueologia e pela história.

Analise este tema por um momento. Seria lógico esperar que algumas pessoas famosas, como os citados anteriormente, fossem mencionados em livros, tivessem suas imagens esculpidas em estátuas ou fossem mencionados em inscrições. Mas o que dizer de *construções e estruturas específicas*? Quantas é que são mencionadas em livros, identificadas em inscrições e até registradas para a posteridade? O número é muito pequeno.

E, claro, o tempo destrói todos eles, eventualmente. Mas é notável a forma como muitas construções e estruturas mencionadas nos Evangelhos foram escavadas por arqueólogos ou se encontraram provas específicas para hoje. Aqui está uma lista: o Tanque de Betesda (Jerusalém), a sinagoga de Cafarnaum, o Templo Gerizim (Samaria), o Templo (Jerusalém) de Herodes, o palácio do sumo sacerdote (Jerusalém), o poço de

Jacó (Samaria), a casa de Pedro (Cafarnaum), o Pretório (Jerusalém) e o Tanque de Siloé (Jerusalém).

Mais uma vez, considerando os estragos do tempo e a total destruição de Jerusalém pelos romanos em 70 d.C., e novamente em 135 d.C., é surpreendente que muitos foram encontrados e identificados.

Os escritores dos Evangelhos também deram muitos outros detalhes precisos sobre geografia, práticas agrícolas, métodos de pesca, costumes nas ceias, práticas religiosas e muito mais. Se os escritores do Evangelho estão corretos em tanta coisa, então não temos razões válidas para não acreditar em sua história — que Jesus Cristo era o Filho de Deus e que viveu, morreu e ressuscitou para que recebêssemos a surpreendente promessa da salvação divina.

Então, vamos confiar que eles nos transmitiram fielmente o que receberam!





Jesus Cristo Realmente Existiu?

Jesus Cristo era real? Há alguma evidência disso? Apesar do que talvez você tenha ouvido, a documentação histórica é convincente sobre Sua existência. E você precisa entender não apenas para que Ele veio, mas também por que Ele veio!

por Darris McNeely

Jesus de Nazaré foi uma pessoa real? Será que Ele realmente existiu? As histórias escritas sobre Ele na Bíblia são verdadeiras? Estas são perguntas importantes e é crucial que você saiba as respostas!

Alguns argumentam que Jesus não poderia ter existido porque não existem registros históricos do primeiro século que O mencionam. Mas é bem claro que *existem* biografias contemporâneas escritas sobre Ele — de fato, quatro delas, por diferentes autores. Elas são chamadas de Evangelhos e se encontram na Bíblia.

Mas isso não é o suficiente para aqueles que estão determinados a *não crer* em Jesus Cristo. Eles insistem em querer mais. Eles exigem registros escritos dos historiadores contemporâneos do primeiro século que não eram discípulos de Jesus.

Mas ao fazer isso, eles estão exigindo um nível que poucos personagens históricos do mundo antigo poderiam atender. Afinal de contas, *pouquíssimas* histórias sobreviveram desde o primeiro século, e, basicamente, as únicas obras romanas consideráveis e em grande parte completas escritas nessa época é um manual sobre agricultura, uma comédia de um amigo de um dos imperadores e alguns outros escritos — nenhum dos quais seria de se esperar que incluísse qualquer menção ao cristianismo ou a Jesus Cristo.

Os historiadores romanos que mencionam Jesus e o cristianismo

No entanto, os historiadores estão cientes da existência de algumas obras romanas do início do segundo século, que mencionam Jesus Cristo e o cristianismo. Essas incluem:

- *A Vida dos Doze Césares*, por Caio Suetônio Tranquilo, um oficial de justiça romano e secretário-chefe do Imperador Adriano, escrita em torno de 120 d.C.

- *Cartas de Plínio, o Jovem*, um funcionário do governo romano no centro-norte da Turquia, escritas por volta de 120 d.C.

- *Anais*, do historiador romano Tácito, escrito em 115 d.C. Além destes, o famoso historiador judeu do primeiro século, Josefo, escreveu sobre Jesus e uma série de outros personagens mencionados nos Evangelhos. Vamos tratar sobre ele um pouco mais adiante.

Seguidores de “Crestos” banidos de Roma

Caio Suetônio Tranquilo (conhecido apenas como Suetônio), escrevendo em torno de 120 d.C., registra que o imperador Cláudio “baniu os judeus de Roma, que estavam continuamente causando distúrbios, e Crestos [Cristo] era seu líder” (*A Vidas dos Doze Césares: A Vida de Cláudio*).

Cláudio reinou entre 41 e 54 d.C. Neste ponto da história, os romanos não viam nenhuma diferença entre judeus e cristãos, uma vez que grande parte acreditava e praticava as mesmas coisas, então, aparentemente, Cláudio expulsou a todos.

O que é significativo nessa breve declaração de Suetônio é que certo número de judeus em Roma havia se tornado seguidores de “Crestos”, que parece ser um erro de escrita da palavra “Christus”, a forma latinizada de “Cristo”. Então vemos que cerca do ano 50 d.C., já havia um número significativo de cristãos em Roma, e isso levou a um conflito com as autoridades romanas — o motivo exato não é informado.

A expulsão dos judeus de Roma é mencionada na Bíblia, em Atos 18:2: “E [Paulo] encontrando um judeu por nome Áqüila, natural do Ponto, que pouco antes viera da Itália, e Priscila, sua mulher (porque Cláudio tinha decretado que todos os judeus saíssem de Roma), foi ter com eles”.

O que é notadamente interessante é a similaridade dessa breve menção com o que lemos no livro de Atos. Na Festa de Pentecostes, quando a Igreja foi fundada, como registrado em Atos 2, em 31 d.C., lemos que “os visitantes de Roma” estavam entre aqueles que testemunharam os acontecimentos milagrosos de Atos 2:6-12. Naquela época, pessoas que falavam vários idiomas e dialetos, mais de uma dúzia de diferentes partes do Império Romano, ouviram os apóstolos “falar em suas próprias línguas as grandezas de Deus”.

Não sabemos quando os primeiros cristãos apareceram em Roma, mas não é um exagero supor que alguns daqueles, que estavam em Jerusalém para o Pentecostes, quando voltaram, divulgaram o que viram em Roma, e isso se espalhou entre judeus e prosélitos do judaísmo — levando cerca de duas décadas depois à expulsão de judeus e cristãos de Roma.

Como lidar com os cristãos que não adoravam o “divino imperador”?

Por volta de 120 D.C., Plínio, o Jovem, um funcionário do governo romano, que vivia onde hoje é o centro-norte da Turquia, escreveu ao imperador Trajano pedindo conselhos sobre como lidar com os cristãos que se recusavam a reverenciar a imagem do imperador romano. Plínio observou que esses cristãos se reuniam regularmente e cantavam hinos “a Cristo, como a um deus” (*Cartas* 10:96:7).

Dois fatos são imediatamente notáveis nessa breve menção aos cristãos e ao cristianismo. O primeiro é que havia um número considerável de seguidores de Jesus Cristo no norte da Ásia Menor menos de cem anos após Sua morte. Um segundo fato notável é que essas pessoas se reuniam e cantavam hinos a Cristo, “como a um deus”.

O primeiro fato é notável porque é exatamente o padrão que vemos uma e outra vez no livro de Atos: os primeiros instrutores cristãos, como Paulo, Barnabé e Apolo iam de cidade em cidade na Ásia Menor (atual Turquia) e na Grécia, proclamando a divindade e a ressurreição de Jesus Cristo e que a salvação somente era possível através dEle. Às vezes, eles enfrentavam muita hostilidade; e outras vezes eles encontravam um público receptivo, então, lento e progressivamente, o cristianismo começou a se espalhar — apesar das perseguições.

O segundo fato também é relevante porque a pergunta de Plínio

ao imperador mostra que os cristãos consideravam a Jesus Cristo como um ser divino. E sua correspondência mostra que eles estavam tão firmes nessa crença que alguns se recusavam a renunciá-la mesmo sob pena de tortura e morte!

Mais uma vez, esse é o padrão que vemos, uma e outra vez, no livro de Atos — pessoas que estavam tão decididamente convencidas de que Jesus Cristo era uma pessoa real, que viveu, morreu e foi ressuscitado para a vida, que estavam dispostas a morrer do que renunciar a essa crença.

“Christus . . . sofreu a penalidade máxima no reinado de Tibério às mãos de . . . Pôncio Pilatos”

A informação mais completa que temos de um escritor romano sobre esse período vem de Públio (ou Gaio) Cornélio Tácito, um senador e historiador romano, que nasceu por volta de 56 d.C. e escreveu suas obras no início do segundo século. Sendo um historiador, ele relatou o fogo devastador em Roma, ocorrido em 64 D.C., durante o reinado do imperador Nero. Observe o que ele acrescenta numa discussão sobre Nero ter culpado aos cristãos pelo incêndio:

“Para destruir o boato (que o acusava do incêndio de Roma), Nero supôs culpados e infringiu tormentos requintadíssimos àqueles cujas abominações os faziam detestar, e a quem a multidão chamava cristãos. Este nome lhes vem de Christus, que, sob o principado de Tibério, o procurador Pôncio Pilatos entregara ao suplício. Reprimida incontinenti, essa detestável superstição repontava de novo, não mais somente na Judeia, onde nascera o mal, mas anda em Roma...”

Então, o que podemos aprender com esse relato do historiador Tácito sobre as condições em Roma em 64 D.C.? Tenha em mente que Tácito não era amigo dos cristãos. Ele considerava o cristianismo uma “detestável superstição”, como muitos o consideram hoje.

- Naquele tempo, havia um grupo em Roma — quase três décadas após a crucificação de Jesus — conhecido como “cristãos”.
- Eles foram chamados “cristãos” nomeados após alguém chamado “Christus” (a forma latina de “Cristo”).
- O líder deles, “Christus”, foi executado durante o governo do procurador Pôncio Pilatos (26-36 d.C.) e do reinado do imperador Tibério (14-37 d.C.).
- Os romanos pensavam que os cristãos acreditavam em “uma detestável superstição”.
- Os cristãos foram “detestados por suas abominações”.
- O movimento teve origem na Judéia (a Terra Santa) e se espalhou por Roma.
- Por volta de 64 d.C., havia uma “grande multidão” de cristãos em Roma.

Novamente, isso é surpreendente porque corrobora exatamente o que lemos nos Evangelhos e no livro de Atos (incluindo o tempo da crucificação de Cristo durante o governo de Tibério e Pôncio Pilatos, Lucas 3:1-2).

O que era essa “detestável superstição” que os cristãos acreditavam? Tácito não disse. Teria sido a crença de que um homem crucificado ressuscitou dos mortos? Ou a de que os próprios cristãos acreditavam que também ressuscitariam dos mortos? Ou a de que seu líder, “Christus”, voltaria como Rei de um Reino que substituiria Roma e governaria o mundo?



Não sabemos, mas a formulação de Tácito sobre esse movimento enraizado ser “uma detestável superstição” é bastante surpreendente — especialmente porque os romanos, com sua imensa variedade de crenças religiosas pagãs, aceitavam quase tudo, *exceto* a ressurreição dos mortos!

Josefo menciona a João Batista

Vejam outro escritor não cristão, o famoso historiador judeu Flávio Josefo. Ele escreveu as obras *A Guerra dos Judeus* e *História dos Hebreus* no fim do primeiro século. Em *História dos Hebreus*, Josefo refere-se a muitas pessoas nomeadas no Novo Testamento, inclusive a Jesus, a João Batista e a Tiago, o meio-irmão de Jesus.

Nascido em uma família sacerdotal em 37 d.C., Josefo foi bem educado e, como comandante militar, liderou um destacamento de judeus na Galileia durante a revolta judaica entre 66-70 d.C. até ser capturado pelos romanos. No fim da guerra, ele foi para Roma com o general romano Tito, onde viveu e escreveu até à sua morte, em torno do ano 100 d.C.

Aqui está o que Josefo escreveu sobre João Batista e seu carrasco, Herodes Antipas:

“Vários judeus julgaram a derrota do exército de Herodes um castigo de Deus, por causa de João, cognominado Batista. Era um homem de grande piedade que exortava os judeus a abraçar a virtude, a praticar a justiça e a receber o batismo...”

“Como uma grande multidão o seguia para ouvir a sua doutrina, Herodes, temendo que ele, pela influência que exercia sobre eles, viesse a suscitar alguma rebelião, porque o povo estava sempre pronto a fazer o que João ordenasse, julgou que devia prevenir o mal, para depois não ter motivo de se arrependar por haver esperado muito para remediá-lo.

“Por esse motivo, mandou prendê-lo numa fortaleza em Maquera, de que acabamos de falar, e os judeus atribuíram a derrota de seu exército a um castigo de Deus, devido a esse ato tão injusto” (*História dos Hebreus*, cap. 7, pp. 878-879).

Novamente, isso corresponde muito ao que lemos sobre João nos Evangelhos. Mateus 3:1-10, Marcos 1:1-6 e Lucas 3:1-14 mencionam a popularidade de João e a mensagem de arrependimento, como registrada por Josefo décadas mais tarde. E Mateus 14:3-12 descreve a cena no palácio de Herodes, quando João foi executado por ordem de Herodes.

Josefo e Tiago, “irmão de Jesus, que era chamado de Cristo”

Além de vários governantes e membros da família do sumo sacerdote mencionados nos Evangelhos (e confirmados através de descobertas arqueológicas), Josefo também menciona Tiago, meio-irmão de Jesus Cristo:

“Ele [Ananias, o sumo sacerdote] aproveitou o tempo da morte de Festo, e Albino [o sucessor] ainda não tinha chegado, para reunir um conselho, diante do qual fez comparecer *Tiago, irmão de Jesus, chamado Cristo*, e alguns outros; acusou-os de terem desobedecido às leis e os condenou ao apedrejamento” (ibidem, cap. 8, p. 979).

Esse Tiago é o autor do livro bíblico que leva seu nome. Embora meio-irmão de Jesus, ele, a princípio, não cria em Sua messianidade (João 7:5), mas depois da morte e ressurreição de Jesus ele estava entre aqueles reunidos em Jerusalém, na festa de Pentecostes,

quando a Igreja foi fundada, ca. 31 d.C. (Atos 1:14).

Portanto, temos aqui três grandes personagens do Novo Testamento — João Batista, o apóstolo Tiago, meio-irmão de Jesus, e Jesus, que foi chamado Cristo ou Messias — mencionados por um historiador judeu, posteriormente, no mesmo século. Será que Josefo sabia algo mais sobre Jesus?

O relato de Josefo sobre Jesus Cristo

Observe isso (trechos negritados para a próxima análise): “Nesse mesmo tempo, apareceu Jesus, que era um homem sábio, **se é que podemos considerá-lo simplesmente um homem, tão admiráveis eram as suas obras**. Ele ensinava os que tinham prazer em ser instruídos na verdade e foi seguido não somente por muito judeus, mas também por muitos gentios. **Ele era o Cristo**”.

“Os mais ilustres dentre os de nossa nação acusaram-no perante Pilatos, e este ordenou que o crucificassem. Os que o haviam amado durante a sua vida não o abandonaram depois da morte. Ele lhes apareceu ressuscitado e vivo no terceiro dia, como os santos profetas haviam predito, dizendo também que ele faria muitos outros milagres. É dele que os cristãos, os quais vemos ainda hoje, tiraram o seu nome” (ibid. cap. 4, p. 872).

Enquanto muitos estudiosos defendem partes ou a totalidade desse texto, ele é citado pelo historiador grego Eusébio em 315 d.C. e aparece dessa mesma forma em todas as mais antigas cópias restantes das obras de Josefo.:

Os trechos em **negrito** são muito estranhos em se tratando de um escritor judeu que, provavelmente, não era cristão. A maioria dos estudiosos concorda que os trechos negritados foram adicionados em algum momento, no segundo ou terceiro século, numa cópia feita por um escriba, o que significaria esses trechos em negrito não seriam as próprias palavras de Josefo. Para apoiar esse ponto de vista, cita-se uma versão em árabe desse trecho da obra de Josefo, que aparentemente foi preservado em sua forma original. Onde lê-se desta forma:

“Nessa época havia um homem sábio chamado Jesus, e sua conduta era boa, e ele era conhecido por ser virtuoso. E muitas pessoas dentre os judeus e de outras nações se tornaram seus discípulos. Pilatos condenou-o a morrer crucificado. Mas aqueles que se tornaram seus discípulos não abandonaram sua lealdade a ele. Eles relataram que ele lhes havia aparecido três dias após a sua crucificação, e que ele estava vivo. Consequentemente, eles acreditavam que ele era o Messias, a respeito de quem os profetas contavam maravilhas”.

Aparentemente, isso deixa de fora as partes adicionadas posteriormente sobre Jesus fazer milagres, que ele *era* o Messias anunciado pelos profetas, mas o texto diz que os crentes acreditavam que Ele ressuscitou dentre os mortos, como relatado noutras cópias. Ao que parece, esse manuscrito árabe foi copiado do original, que Josefo escreveu, antes de um escriba adicionar suas próprias ideias ao texto. A maioria dos estudiosos que se debruçaram sobre isso concorda que, originalmente, Josefo escreveu sobre Jesus, mas, posteriormente, um escriba editou o relato de Josefo, inserindo suas crenças cristãs.

Independentemente disso, aqui, nessa mais extensa história preservada da Judéia do primeiro século, nós temos a confirmação da existência de Jesus, assim como de João Batista e de Tiago, o meio-irmão de Jesus!

Flávio Josefo, historiador judeu do primeiro século, refere-se a muitas pessoas do Novo Testamento, inclusive a Jesus, a João Batista e a Tiago, o meio-irmão de Jesus.

Temos também a confirmação dos pontos essenciais dos Evangelhos e do livro de Atos — de que Jesus era um homem sábio e virtuoso e que tanto judeus como gregos escolheram segui-Lo como o Messias, que Ele foi crucificado sob Pôncio Pilatos, e que Ele foi tido como ressuscitado para a vida e apareceu a Seus seguidores três dias após Sua morte.

Aqueles que negam a existência de Jesus Cristo têm que explicar não apenas uma série de referências específicas a Ele, mas também as referências históricas a seu meio-irmão Tiago e a João Batista, além das declarações dos historiadores, confirmando os principais temas e fatos dos Evangelhos e do livro de Atos!

Certamente, Jesus existiu — mas e quanto a Sua mensagem?

A Bíblia, que declara ser a Palavra inspirada de Deus, diz que Jesus viveu, morreu e ressuscitou para a vida novamente e que Ele era o Filho de Deus e também Deus em carne e osso. A Bíblia demonstra que é uma história verdadeira e precisa, atestando sobre a vida de pessoas que realmente viveram e caminharam com Deus e acerca dos eventos que ocorreram no tempo e na maneira indicada (ver o nosso guia de estudo bíblico gratuito *A Bíblia Merece Confiança?*).

Como vimos, as obras remanescentes dos primeiros historiadores, que escreveram sobre esse período, testemunham que Jesus era real e foi, sem dúvida, um personagem histórico que viveu no primeiro século. Tanto a história quanto o peso da tradição afirmam esta verdade.

A próxima pergunta óbvia é: *Ele foi quem disse que era?* Ou seja, Ele era Deus? Era Ele Deus na carne?

Como teólogo, C. S. Lewis escreveu: “Faça a sua escolha. Ou esse homem era, e é, o Filho de Deus, ou não passa de um louco ou coisa pior. Você pode querer calá-lo por ser um louco, pode cuspir nele e matá-lo como a um demônio; ou pode prosternar-se a seus pés e chamá-lo de Senhor e Deus. Mas que ninguém venha, com paternal condescendência, dizer que ele não passava de um grande mestre humano. Ele não nos deixou essa opção, e não quis deixá-la” (*Cristianismo Puro e Simples*, 1996, p. 23).

As testemunhas da vida, morte e ressurreição de Jesus do primeiro século dizem que Ele era Deus. Ou Ele era ou não era.

Por que Jesus teve de existir como ser humano?

E isso nos leva a uma pergunta extremamente importante: *Por que Jesus teve de viver como ser humano?* Por que Aquele identificado nas Escrituras como o Verbo, que estava com Deus e que era Deus (João 1:1), teve que se tornar o Jesus de Nazaré de carne e osso?

A resposta a esta pergunta é pouco compreendida, mas abre nossa mente para outra dimensão da compreensão da natureza íntima de Deus e de Seu propósito para a criação da vida humana na Terra.



Um busto de mármore que retrata Flávio Josefo

Vamos começar com o que sabemos sobre o Verbo. O ponto de partida é o evangelho do apóstolo João. “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava *com* Deus, e o Verbo *era* Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens; a luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela” (João 1:1-5, grifo nosso).

Esta passagem nos diz que antes de Jesus vir em carne, Ele estava *com Deus desde o princípio e era Deus*. Aqui ele chama de “o Verbo”, o Ser que se tornou Jesus Cristo e era a própria essência de Deus, significando que Ele era o espírito divino. Ele era eterno e coexistia como Deus na eternidade.

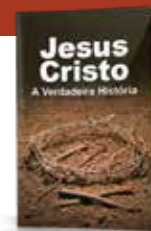
Devemos entender “eternidade” como uma dimensão diferente da existência, além do mundo material, do tempo e do espaço em que habitamos. Deus habita na dimensão espiritual da eternidade: “Porque assim diz o Alto e o Excelso, *que habita na eternidade* e cujo nome é santo: Num alto e santo lugar habito...” (Isaías 57:15). A eternidade é um desafio para nossas mentes mortais compreenderem, no entanto, é onde Deus existe.

Deus revela que Ele não tem começo nem fim. Ele é espírito. Ele existe além do cosmos, que Ele mesmo criou. A essência de Deus é espiritual — um espírito *santo* e eterno.

PARA SABER MAIS

Não deixe de pedir o nosso guia de estudo Bíblico “Jesus Cristo – a verdadeira História” do nosso site.

<http://portugues.ucg.org>



João revela que Aquele que está sendo chamado de “Verbo” criou este mundo. Paulo confirma isso quando escreve: “Porque nEle foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades; tudo foi criado por Ele e para Ele” (Colossenses 1:16). Aquele que se tornou Jesus de Nazaré é revelado como o *Ser através de quem Deus criou o universo*. Essa compreensão fundamental nos ajuda a entender a magnitude de Sua decisão de vir em carne e viver entre os homens.

O que mais precisamos entender sobre Jesus ter vindo em carne?

Da posição de Deus à posição de um servo

O amor de Deus por Sua criação não apenas deteve o movimento do sol, da lua, das estrelas e dos planetas em seu elegante balé cósmico



mico. Ele nunca foi um Criador ausente.

O plano desde antes da fundação do mundo, era que um sacrifício seria necessário. Primeiro seria um sacrifício *de posição* — da existência como Deus a Sua vinda para a Terra, passando a ser semelhante à criação humana, como homem. É difícil, se não impossível, começar a entender o amor nessa decisão de *autossacrifício*.

O Verbo esvaziou-se de seu poder e glória divina, mas manteve a identidade divina, e veio como um servo para realizar uma tarefa essencial para a salvação humana.

Observe o que revela Paulo em Filipenses 2:6-8: “A atitude de vocês deve ser semelhante àquela que nos foi mostrada por Jesus Cristo, que embora Deus, não exigiu nem tampouco se apeçou a seus direitos como Deus [compartilhava a natureza divina], mas pôs de lado seu imenso poder e sua glória, ocultando-se sob a forma de escravo e tornando-se como os homens. E se humilhou ainda mais, chegando ao ponto de sofrer uma verdadeira morte de criminoso numa cruz” (Bíblia Viva).

Isso nos ajuda a entender por que, em Sua última noite com os discípulos antes de ser morto, Ele orou: “Agora, pois, glorifica-Me Tu, ó Pai, junto de Ti mesmo, *com aquela glória que Eu tinha contigo antes que o mundo existisse*” (João 17:5).

Um sacrifício supremo por nós

O próximo passo de Seu sacrifício era “como de um cordeiro... conhecido ainda antes da fundação do mundo” (1 Pedro 1:19-20).

A raça humana tem percorrido um longo caminho, afastada de Deus por causa da decisão dos primeiros seres humanos, Adão e Eva pecaram ao tomar parte da árvore proibida no Jardim do Éden e rejeitar o acesso ao conhecimento e à sabedoria de Deus, oferecido através da árvore da vida (ver Gênesis 2:9). Isso trouxe a necessidade de um sacrifício para redimir a humanidade do pecado. Um plano elaborado para derramar o sangue do primeiro e único sacrifício que poderia remover a penalidade do pecado, que, enfim, leva à morte.

A Palavra de Deus tem muito a dizer sobre a morte e o derramamento do sangue de Cristo para o perdão dos pecados e redenção da humanidade. Tudo isso é parte crítica e essencial do propósito de Deus. Ele pretende “convergir em Cristo todas as coisas, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra” (Efésios 1:10).

A morte de Cristo, por derramamento de Seu sangue, é o único sacrifício pelos pecados de todos os tempos: “Mas Cristo veio como o Grande Sacerdote das coisas boas que já estão aqui . . . ele não levou consigo sangue de bodes ou de bezerras para oferecer como sacrifício. Pelo contrário, ele ofereceu o seu próprio sangue e conseguiu para nós a salvação eterna. Por meio do Espírito eterno ele se ofereceu a si mesmo a Deus como sacrifício sem defeito. E o seu sangue nos purifica por dentro, tirando as nossas culpas; assim podemos servir ao Deus vivo”.

“Portanto, é Cristo quem consegue fazer uma nova aliança, para que os que foram chamados por Deus possam receber as bênçãos eternas que o próprio Deus prometeu. Isso pode ser feito porque houve uma morte que livrou as pessoas dos pecados que praticaram enquanto a primeira aliança estava em vigor” (Hebreus 9:11-15, BLH).

Jesus Cristo, “havendo oferecido um único sacrifício pelos pecados, assentou-se para sempre à direita de Deus . . . Pois com uma só



oferta tem aperfeiçoado para sempre os que estão sendo santificados” (Hebreus 10:12, 14). Seu sacrifício, Seu sangue, é o meio pelo qual a humanidade pode se reconciliar com Deus em uma eterna aliança que oferece e garante a salvação, a vida eterna e o compartilhamento da existência divina na eternidade.

Um Deus de amor

O caráter essencial de Deus é amor (1 João 4:8, 16). De todos os apóstolos de Cristo, João era o que parecia captar esse detalhe crucial dEle, e ele abandonou tudo para segui-Lo. Na famosa passagem de João 3:16, ele escreveu: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”.

João também cita Jesus noutra declaração abrangente, dizendo: “O Espírito dá vida; a carne não produz nada que se aproveite. As palavras que Eu lhes disse são espírito e vida” (João 6:63, NVI). A vida que esperamos é a vida espiritual eterna com Deus, que é Espírito (João 4:24).

Portanto, foi esse grande amor, declarado em a toda a Escritura, que levou Deus Pai e o Verbo, que se tornaria Jesus, a decidirem compartilhar Sua essência com os outros seres criados, além do reino angelical — com os seres humanos. Criados à imagem de Deus e dotados de uma mente e de uma natureza que poderia receber o Seu Espírito, estes teriam o potencial para herdar a vida espiritual eterna.

(Note que a vida espiritual não significa existir como uma energia amorfa, como alguns poderiam imaginar. Aqueles que estiverem no reino espiritual terão forma, substância e corpos espirituais).

Os seres humanos foram criados à imagem de Deus, mas não como Ele é composto, mas possuem a mesma essência espiritual. O homem é físico, criado a partir dos elementos da terra (embora com um espírito humano que lhe dá intelecto, emoção e personalidade como parte de sua composição). E, como temos livre arbítrio, podemos pecar, e, de fato, pecamos, mas como vimos, Deus providenciou um meio para reconciliar os seres humanos Consigo mesmo através do sacrifício de Jesus Cristo.

Antes da fundação deste mundo, o Verbo e Aquele que viria a ser o Pai idealizaram o plano de redenção para a humanidade. Como afirma aqui: “Sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como

(continua na página 12)



Há Algum Testemunho Verossímil da Vida de Cristo?

A história de Jesus Cristo e de Seus primeiros seguidores se encontram no Novo Testamento. Mas essa fonte foi fielmente repassada para nós? Será que podemos acreditar no que está escrito? O que nos dizem as evidências? **por Peter Eddington**

A coleção de livros e epístolas antigos conhecidos como Novo Testamento ou Escrituras Apostólicas apresenta a incrível história do nascimento, da vida, do ministério, dos ensinamentos, dos milagres, da morte e da ressurreição de Jesus de Nazaré, proclamando-o como o Messias esperado ou o Cristo predito nas profecias do Antigo Testamento.

Veja esta ousada afirmação de um de seus escritores: “Porque não seguimos fábulas engenhosas quando vos fizemos conhecer o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, pois nós fomos testemunhas oculares da sua majestade” (2 Pedro 1:16, grifo nosso).

Mas podemos confiar nessa declaração e no resto das Escrituras Apostólicas? Há muito tempo os críticos da Bíblia vêm infamando o Novo Testamento, e ainda o resto da Bíblia, argumentando que não há como os relatos e os ensinamentos de hoje refletirem com precisão o que foi originalmente escrito, e também que eles não eram precisos ou que não foram escritos por quem diz ter sido. Mas há algum fundamento nessas críticas? Existe alguma maneira de saber isso?

A resposta curta é não, os críticos não têm provas substanciais, e sim, há *muitas* razões válidas para aceitar que o Novo Testamento, que temos hoje, foi preservado e transmitido fielmente a nós pelos primeiros seguidores de Jesus. Isto é muito importante para estabelecer se devemos crer *no que as Escrituras Apostólicas realmente dizem* sobre Jesus, Sua vida e Sua ressurreição.

Veremos, brevemente, apenas *quatro* razões para apoiar nosso ponto de vista sobre a exatidão da nossa cópia do Novo Testamento,

ademais também consideraremos alguns outros fatores. (Você mesmo poderia pesquisar facilmente esse assunto e achar mais de quatro razões).

Existem muitos manuscritos antigos da Bíblia

Citando o livro dos estudiosos bíblicos Norman Geisler e Frank Turek, *Não Tenho Fé Suficiente Para Ser Ateu*: “De acordo com a última contagem, existem cerca de 5.700 *manuscritos gregos do Novo Testamento* escritos à mão. Além disso, existem mais de 9 mil *manuscritos em outras línguas* (e.g., siríaco, copta, latim, árabe). Alguns desses quase 15 mil manuscritos são 49 bíblias completas, outros são livros ou páginas, e somente alguns são apenas fragmentos . . .

“Não existe nada no mundo antigo que sequer se aproxime disso em termos de apoio a manuscritos. A obra mais próxima é a *Iliada*, de Homero, com 643 manuscritos. A maioria das outras obras antigas sobrevive com *pouco mais de uma dúzia* de manuscritos. Contudo, poucos historiadores questionam a historicidade dos eventos que essas obras registram” (2004, p. 167).

Assim, vemos que existem numerosos manuscritos do Novo Testamento — milhares mais do que quaisquer outros escritos do mundo antigo. Por exemplo, as pessoas acreditam que Alexandre, o Grande, existia, apesar de o registro histórico ser relativamente escasso. Por que não acreditar que Jesus existiu e que temos um registro confiável de Sua vida, considerando que há muito mais evidências dEle do que de outro personagem da história antiga?



Manuscritos escritos logo depois dos originais

Como Geisler e Turek afirmam ainda: “O Novo Testamento não apenas desfruta de um amplo apoio dos manuscritos, como também possui manuscritos que foram escritos logo depois dos originais. O mais antigo e incontestável manuscrito é um segmento de João 18... Os estudiosos datam esse documento como tendo sido escrito entre 117 e 138 d.C.” (p. 167).

Alguns fragmentos ainda mais antigos datam de 50 a 70 d.C., embora alguns divirjam sobre essas alegações. *Até mesmo as estimativas mais conservadoras* acerca das primeiras cópias do Novo Testamento da Bíblia são datadas dentro do espaço de tempo de 100 anos de os livros originais terem sido escritos.

Geisler e Turek apontam: “O espaço de tempo entre o original e a primeira cópia [do Novo Testamento] ainda existente é muitas vezes menor do que qualquer outro documento do mundo antigo. A *Iliada* tem o segundo menor espaço, que é de cerca de 500 anos. A maioria das outras cópias de obras antigas está a mil anos ou mais do original. O espaço de tempo do Novo Testamento, [é] cerca de 25 anos, [e] pode até ser menor” (p. 168).

Assim, os primeiros manuscritos conhecidos do Novo Testamento são cópias dos manuscritos originais apostólicos, logo depois que foram escritos pela primeira vez — apenas algumas décadas ou pouco mais. Mas de outras obras antigas, as primeiras cópias que temos são geralmente de mil anos, ou mais, após o original.

E assim começamos perguntando: Por que os céticos questionariam a veracidade da história de Jesus Cristo e dos ensinamentos do Novo Testamento, quando há tantos manuscritos antigos, onde se pode verificar a exatidão do que foi escrito? Ademais, os céticos não questionam dessa maneira a Platão, a Heródoto ou a César, nem mesmo a Homero — sendo que as primeiras cópias de suas obras datam de mais de 1.400 anos dos originais, e apenas alguns manuscritos foram encontrados. Os estudiosos só encontraram sete cópias da obra de Platão e apenas dez das de César — mas mesmo assim elas são consideradas confiáveis e precisas. Lembre-se, há cerca de 15 mil manuscritos dos escritos do Novo Testamento.

Recentemente, foi anunciada a descoberta de um fragmento do manuscrito do evangelho de Marcos escrito entre o ano 80 e 90 D.C. (ver “Um fragmento mais novo dum manuscrito do Novo Testamento foi descoberto?” na página 11).

Muitos manuscritos respaldados por outros escritores

No início do quarto século, o imperador romano Diocleciano promulgou três editos separados, ordenando a perseguição dos cristãos. Ele exigiu a *destruição* dos lugares de encontro da igreja, dos manuscritos do Novo Testamento e dos escritos cristãos, bem como o assassinato de cristãos. Ele não conseguiu destruir todas as cópias dos escritos nem todos os cristãos. Mas, mesmo que tivesse conseguido, há bastante escritos de *outros autores primitivos* que citam o Novo Testamento, assim quase toda a coleção poderia ser reconstituída dos textos deles.

Geisler e Turek explicam: “Centenas, se não milhares, de manuscritos foram destruídos por todo o Império Romano durante essa perseguição, que durou até o ano 311 d.C.. Mas mesmo que Diocleciano tivesse sido bem-sucedido em varrer da face da Terra todos os manuscritos bíblicos, ele não poderia ter destruído nossa capacidade de reconstruir o Novo Testamento”.

“Por quê? Porque os pais da igreja primitiva — homens do segundo e terceiro séculos, como Justino Mártir, Ireneu, Clemente de Alexandria, Orígenes, Tertuliano e outros — fizeram tantas citações do Novo Testamento (36.289 vezes, para ser exato) que todos os versículos do Novo Testamento, com exceção de apenas 11, poderiam ser reconstituídos simplesmente de suas citações... Desse modo, nós não apenas temos milhares de manuscritos, mas *milhares de citações* desses manuscritos. Isso torna a reconstrução do texto original praticamente precisa” (p. 168-169).

Poucas variações significativas no manuscrito, demonstrando coerência

Alguns estudiosos afirmam que há duzentos mil erros nos manuscritos do Novo Testamento. Mas, em primeiro lugar, não se trata de erros, mas de *variantes textuais* — cuja grande maioria é estritamente gramatical, como ortografia e pontuação. E, como essas variações estão espalhadas por mais de cinco mil manuscritos, uma variante na ortografia de apenas uma palavra, que aparece em dois mil manuscritos, é contada como dois mil erros da mesma palavra. As diferenças reais são muito menos do que os duzentos mil que alguns céticos afirmam.

Estudiosos de textos estimam que apenas uma em sessenta variações tenha algum significado, sendo que apenas cinquenta tem um real significado, assim o texto do Novo Testamento tem cerca de 99,5% de precisão. Ao pesquisar as conclusões dos historiadores e especialistas textuais a esse respeito, considerando os verdadeiros exemplos textuais, é possível fazer um estudo interessante.

Não há novas descobertas que possam lançar qualquer dúvida sobre a confiabilidade do Novo Testamento. Apenas cerca de um por cento das variantes do manuscrito afetam o significado do texto em algum grau, mas nenhuma doutrina cristã está em jogo. Na verdade, a *variedade e a abundância* de manuscritos do Novo Testamento aumentam a credibilidade do retrato bíblico de Jesus, e esses erros não é nem um pouco preocupante.

Onde há diferenças, uma comparação geral entre um grande número de manuscritos acaba revelando o texto exato.

Comprovação extra-bíblica

Em um artigo de *A Boa Nova* no começo deste ano, eu disse que dez conhecidos escritores não cristãos mencionaram Jesus em um espaço de tempo de 150 anos desde Sua vida — comparando com apenas nove que mencionaram Tibério, o imperador romano da época de Cristo (e no caso de fontes cristãs, 43 autores mencionam a Jesus o que supera em número àqueles que mencionam a Tibério).

Eu recomendo a releitura daquele artigo, pois ele lista uma série de detalhes específicos sobre a vida de Cristo de autores não cristãos — detalhes que corroboram os relatos do Novo Testamento (ver “Jesus Realmente Ressuscitou dos Mortos?”, edição maio-junho de 2016).

Além disso, temos a citação de um autor anticristão sobre a crucificação de Jesus — o historiador romano, Tácito — escrevendo que Cristo “sofreu a pena extrema durante o reinado de Tibério”. O historiador judeu Josefo escreveu que Pôncio Pilatos “o condenou a ser crucificado”. Luciano de Samósata, um satirista grego, mencionou a crucificação, e Mara Bar-Serapion, um pagão, confirmou que Jesus foi executado. Até mesmo o Talmude judaico relata que “Yeshua foi pendurado” num madeiro. Você pode encontrar mais informa-

Um fragmento mais novo dum manuscrito do Novo Testamento foi descoberto?

ções sobre esse assunto no livro *Em Defesa de Cristo*, de Lee Strobel (2007, p.131). Ver artigo “Jesus Cristo Realmente Existiu?”, a partir da página 4 desta revista.

Reconhecimento de ateus e estudiosos liberais

E, hoje em dia, até mesmo muitos estudiosos que rejeitam a fiabilidade do Novo Testamento o reconhecem, em grande parte, como um texto histórico.

O historiador ateu Gerd Lüdemann foi forçado a admitir a existência de Cristo e Seus discípulos e que realmente ocorreu uma experiência genuína da ressurreição de Cristo, mas afirma que tudo deve ter sido *alucinação*. Ele escreveu: “Deve ser considerado historicamente certo que Pedro e os discípulos tiveram experiências após a morte de Jesus, onde este apareceu como o Cristo ressurreto” (*O Que Realmente Aconteceu?*, p. 80, citado por William Lane Craig, “Visões de Jesus: Uma Avaliação Crítica da Hipótese de Alucinação de Gerd Lüdemann”).

Outros fizeram essa afirmação também. Mas uma *alucinação em massa* parece sobrenatural, então não seria muito mais razoável dar o devido valor ao relato do Novo Testamento?

A historiadora liberal Paula Fredriksen, da Universidade de Boston, comentou o seguinte sobre o que os discípulos testemunharam: “Sei que, em seus próprios termos, eles viram o Jesus ressuscitado. Isso é o que eles dizem, mas vimos então que *todas nossas evidências históricas posteriores atestam essa convicção como sendo isso mesmo que viram*. Eu não estou dizendo que realmente eles viram o Jesus ressuscitado. Eu não estava lá. Eu não sei o que eles viram. Mas sei que, como historiadora, eles devem ter visto algo” (citado por Strobel, p.119).

De fato, Fredriksen também declarou que “a convicção dos discípulos de que haviam visto o Cristo ressuscitado... é [parte do] *fundamento histórico, fatos conhecidos sem qualquer dúvida*” (ibid.).

Naturalmente, se alguém aceita a autenticidade dos relatos dos discípulos, então por que não aceitam que eles sabiam o que estavam vendo em grupo? Isso faz muito mais sentido.

Uma narração ordenada — para ter a certeza

Os homens que escreveram o Novo Testamento refletiam profundamente sobre o que registravam. Tome em consideração o médico Lucas, que viajava com o apóstolo Paulo. Ele começou seu Evangelho sobre a vida de Jesus com estas palavras, escrevendo a um patrocinador de apoio chamado Teófilo:

“Visto que muitos têm empreendido fazer uma narração coordenada dos fatos que entre nós se realizaram, segundo no-los transmitiram *os que desde o princípio foram testemunhas oculares e ministros da palavra*, também a mim, depois de haver investido tudo cuidadosamente desde o começo, pareceu-me bem, ó excelentíssimo Teófilo, escrever-te uma narração em ordem *para que conheças plenamente a verdade das coisas em que foste instruído*” (Lucas 1:1-4).

Será que isso soa como alguma história inventada — especialmente em um contexto antigo? Isso parece escrito por alguém que teria sido enganado por outras pessoas, envolvidas em alguma *alucinação em massa*? Lucas entrevistou várias testemunhas oculares para se certificar de que o que escrevera era exato. De fato, ele foi um grande historiador — como também um escritor inspirado por Deus.

(continua na página 12)

Em 2012, o site *Christianity Today* publicou um artigo sobre a descoberta anunciada pelo professor Daniel Wallace, do Seminário Teológico Dallas, a respeito de um manuscrito muito intrigante. O artigo foi intitulado “Descoberto o Manuscrito Mais Antigo do Evangelho de Marcos” (Stoyan Zaimov, 20 de fevereiro). Esse manuscrito do Evangelho de Marcos teria sido copiado no primeiro século da era cristã — quando alguns dos primeiros seguidores de Jesus ainda estavam vivos.

O artigo declarou: “O aspecto mais notável desse achado, se de fato for confirmado sendo do primeiro século, é que ele será o primeiro manuscrito já descoberto que data do período da vida de algumas testemunhas oculares da ressurreição de Jesus, de acordo com Wallace”.

Observe o comentário do professor de estudos do Novo Testamento, Craig Evans: “Se a autenticidade e a data inicial forem confirmadas, esse fragmento do Evangelho de Marcos poderá ser muito significativo e mostrar como foi bem preservado o texto do Novo Testamento realmente. Todos aguardam sua publicação” (ibid.).

A publicação deveria sair no ano seguinte, mas foi adiada, provavelmente para 2017, aparentemente porque vários outros fragmentos estão sendo estudados e a intenção é publicá-los todos juntos em forma de livro. Assim, teremos que esperar para ver esse fragmento. Mas temos o testemunho de Daniel Wallace, um renomado erudito que está atrás desse anúncio — de que esse fragmento data dos anos 80 ou 90 d.C..

Em qualquer caso, nós já temos uma evidência do evangelho de Marcos e de outros livros do Novo Testamento, embora não dessa data.

Se os eventos da vida de Jesus, registrados no Evangelho de Marcos, inclusive a ressurreição, nunca aconteceram, então esse livro teria sido ridicularizado por todos aqueles que o leram. Obviamente, acreditavam ser verdade, por isso não o desabonaram. Assim, as cópias da obra de Marcos — e de outros documentos do Novo Testamento — foram feitas, bem cedo, para serem distribuídas para a Igreja do primeiro século e para a posteridade.

Milhares de pessoas testemunharam os eventos da vida de Cristo, incluindo centenas que o viram depois de ressuscitado, portanto, nenhum escritor sensato escreveria algo como o Evangelho de Marcos enquanto as testemunhas oculares estivessem vivas — se isso não fosse verdade. Caso contrário, isso seria facilmente desacreditado. E seria tolice copiar tais mentiras, além disso, copiar esses manuscritos requeria destreza, tempo e esforço — e para quê?

Pelo contrário, naquela época era um fato bem aceitado que Jesus viveu — e Sua ressurreição foi amplamente reconhecida, ou pelo menos multidões de pessoas acreditavam que Ele tinha ressuscitado. —Tom Robinson



A evidência confiável

A realidade é que podemos confiar que o Novo Testamento que temos é uma cópia exata dos manuscritos originais escritos pelos apóstolos e seus companheiros. E podemos confiar que o que eles nos dizem é verdade — inclusive o fato impressionante da ressurreição de Jesus dentre os mortos.

Como vimos, há milhares de manuscritos, incluindo manuscritos recentes, com citações suficientes de outros escritores antigos, que realmente reconstróem quase todo o Novo Testamento. As variações nos milhares de manuscritos são minimíssimas e não alteram substancialmente o que está sendo comunicado. Nada do mundo antigo tem tamanha comprovação manuscrita. Na verdade, não há nada que chegue nem perto.

No entanto, diante disso, muitos ainda tentam desconsiderar o que dizem os manuscritos — por exemplo, buscando dar uma explicação satisfatória dos relatos do Cristo ressurreto.

Strobel escreve: “Há novas explicações que refutam a ressurreição de Jesus? Não, a verdade é que uma defesa persuasiva sobre Jesus ter ressurgido dos mortos pode ser apresentada usando cinco fatos bem evidentes e os quais a grande maioria dos estudiosos do assunto de hoje — inclusive os céticos — aceitam como verdade: (i) a morte por crucificação; (ii) a crença de Seus discípulos de que Ele ressuscitou e apareceu a eles; (iii) a conversão do perseguidor da igreja, Paulo; (iv) a conversão do cético Tiago, que era o meio-irmão de Jesus; e (v) o túmulo vazio de Jesus. Todas as tentativas dos céticos

e muçulmanos de colocar Jesus de volta no túmulo falharam completamente ao serem submetidas a uma análise séria” (p. 266).

Sim, Jesus Cristo *existiu*. Ele nasceu de uma virgem. Ele ensinou a Seus discípulos. Ele pregou e, milagrosamente, alimentou multidões. Ele andou sobre a água. Ele curou os doentes. Ele ressuscitou a mortos. Ele morreu crucificado. E esse não foi Seu fim. Ele se levantou do túmulo. Ele continuou instruindo Seus discípulos. Ele subiu ao céu. E Ele prometeu voltar. Seus discípulos continuaram proclamando Seus ensinamentos, anunciando o Reino de Deus.

Sim, tudo isso aconteceu — *tudo*, sem exceção — exatamente como é relatado precisamente no Novo Testamento. Você tem todas as razões para crer nisto — e não há nenhuma razão verdadeira para descreer, quer seja no Novo ou no Antigo Testamento, que é testificado pelo Novo. Confie na Palavra de Deus. Pois ela é o que diz ser! Comece a lê-la. Comece acreditar nela. Comece a obedecê-la. Não há nada mais importante na vida! **BN**



PARA SABER MAIS

Além das evidências abordadas neste artigo, há muitas outras que atestam a veracidade e a precisão da Bíblia. Preparamos um guia de estudo cuidadosamente elaborado intitulado “A Bíblia Merece Confiança?”, que aborda esse importantíssimo assunto. Solicite hoje mesmo sua cópia gratuitamente! <http://portugues.ucg.org>

“Jesus Cristo...” continuado da página 8)

prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver, que por tradição recebestes dos vossos pais, mas com precioso sangue, como de um cordeiro sem defeito e sem mancha, o sangue de Cristo, o qual, na verdade, foi conhecido ainda antes da fundação do mundo, mas manifesto no fim dos tempos por amor de vós” (1 Pedro 1:18-20).

O plano exigiria que o Verbo se tornasse carne, mostrando assim que o espírito eterno poderia se unir a um ser humano. O Verbo, o Ser espiritual eterno que era Deus juntamente com o Pai, foi enviado para se tornar Jesus de Nazaré — Deus na carne. Ele se fez carne e, em seguida, através de Sua ressurreição retornou ao estado espiritual para que os seres humanos, criados à imagem de Deus, tivessem o caminho aberto para se tornarem seres espirituais no Reino de Deus.

Por isso é extremamente importante saber que Jesus realmente existiu e por que Ele veio. A existência histórica de Jesus Cristo aqui na Terra no primeiro século é fundamental para que essa importante faceta do plano de Deus se torne realidade.

Sem a vida, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo não teríamos a esperança da vida eterna com Deus. A Bíblia nos revela não apenas a existência de um Deus, mas também o Seu propósito de criar a vida humana. O grande sentido da vida é que os seres humanos, criados à imagem de Deus, podem tornar-se membros glorificados, espirituais e divinos na família imortal de Deus e em Seu Reino.

O que você precisa fazer?

A ressurreição de Jesus Cristo e Sua volta à existência espiritual

faz dEle o primeiro no plano de Deus para a salvação humana (ver Romanos 8:29; 1 Coríntios 15:20, 23; Colossenses 1:18). Aqueles que morreram seguindo a Cristo e os que ainda estiverem vivos na Sua vinda serão transformados de mortais para imortais em um tempo glorioso (1 Coríntios 15:50-54). Transformados para compartilhar a existência espiritual com Cristo e com o Pai, e ainda vão herdar o Reino de Deus.

Esta é a esperança da vida eterna revelada nas Escrituras.

Jesus Cristo existiu na carne, como o Filho de Deus. Ele existe hoje como nosso Sumo Sacerdote e está prestes a vir tornar-se Rei. Jesus Cristo está vivo e também Ele é o único meio para nossa reconciliação e salvação.

Conhecer esse fato verdadeiro e convincente sobre Jesus Cristo é vital para se receber a vida eterna no Reino de Deus. As palavras do apóstolo Pedro, em Atos 2:38, soam claramente hoje em dia: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para remissão de vossos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo!” **BN**



PARA SABER MAIS

A compreensão do motivo de Jesus Cristo vir à Terra é importantíssimo para entender por que você existe e por que você está aqui. Deus tem um incrível plano para você, e ele é explicado em nosso guia de estudo bíblico gratuito “Qual é o Seu Destino?”. Baixe ou solicite sua cópia gratuita hoje mesmo!

<http://portugues.ucg.org>



Você é um Cristão Prudente e Vigilante?

O capítulo 25 de Mateus registra a parábola de Jesus Cristo sobre as dez virgens. Que lições Ele pretendia nos dar com essa parábola?

por Darris McNeely

Alguma vez você já ficou sem combustível e parado na beira da estrada? Aconteceu comigo uma vez, quando eu estava apressado para uma reunião. A ironia era que eu tinha acabado de sair de um posto de gasolina, onde havia parado para dar um telefonema. Dirigi por alguns quilômetros na estrada e o carro parou de uma vez. Aquilo foi frustrante, mas eu aprendi uma lição valiosa.

Esse episódio me fez lembrar uma música da década de setenta, intitulada "Running on Empty". O tema da música é acerca de ficar muito ocupado e não saber que pode estar perto de ficar vazio, de várias formas. Será que eu ou você podemos estar "correndo vazio"?

Em várias ocasiões, Jesus Cristo disse a Seus discípulos para "vigiar" a Sua vinda, porque não sabemos nem o dia nem a hora. Aprender a fina arte de "vigiar" ao seguir Sua instrução requer não ficar sem combustível. Temos que aprender a vigiar o medidor.

Como podemos aprender a esperar e vigiar?

Certa parábola de Cristo é a chave para aprender a "vigiar" e estar preparado para quando Ele voltar em glória. Conhecida como a parábola das dez virgens, ela se encontra no capítulo 25 de Mateus.

No capítulo anterior, Mateus 24, tem uma profecia muito detalhada, que Jesus deu sobre os eventos mundiais que vão levar a sua segunda vinda. Essa parábola é uma continuação dessa profecia, onde diz o que devemos fazer quanto ao Seu retorno. Então, vamos dar uma olhada nessa parábola para entender como podemos vigiar e esperar com paciência contemplativa a vinda do Senhor.

"Então o reino dos céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram ao encontro do noivo" (versículo 1). Ao ouvir isso, os discípulos já sabiam o que Cristo queria dizer. A cena remete diretamente aos costumes dos casamentos da época. Quando o quase marido teria terminado de preparar o lugar em que



viveria com sua noiva, ele viria até ela para acompanhá-la ao casamento. Os gritos de "eis o noivo!" ecoariam pela aldeia quando ele estivesse chegando para sua noiva. Toda essa empolgação retratava as pessoas se reunindo para a festa de casamento e uma multidão andando pelas ruas.

"Cinco delas eram insensatas, e cinco prudentes. Ora, as insensatas, tomando as lâmpadas, não levaram azeite consigo. As prudentes, porém, levaram azeite em suas vasilhas, juntamente com as lâmpadas" (versículos 2-4). Pela tradição o noivo viria à noite, por isso as virgens precisavam de lâmpadas. Essa lâmpada, nesse

antigo cenário, era pequena e feita de barro e usava azeite como combustível. Sem azeite não havia luz. Cinco das virgens se prepararam com antecedência e tinham azeite suficiente para iluminar o seu caminho, enquanto as outras cinco foram tolas e não provisionaram combustível.

Na Bíblia, o azeite é símbolo do Espírito Santo. Como o azeite, o Espírito Santo de Deus vem de uma fonte externa. O Espírito Santo vem de Deus. Ele reside em uma pessoa e lhe dá a capacidade de produzir bons frutos de conduta e caráter. O Espírito Santo habitando em uma pessoa é a chave para torná-la um cristão (Romanos 8:9; 1 João 3:24).

Na parábola, a presença ou a ausência do Espírito Santo é mote dessa lição. Cinco dessas dez virgens não têm o Espírito Santo de Deus. E as outras cinco o têm e estão preparadas para encontrar o noivo.

Tradicionalmente, os amigos do noivo precederiam a vinda do noivo, dizendo: "O noivo está chegando!" Isso era feito à noite, aludindo à de que o noivo estava vindo para roubar a noiva. A noiva estaria esperando com suas damas de honra. Esse seria um dos sinais de aviso de que a vinda do noivo estava próxima. Então, havia muito entusiasmo e uma enorme expectativa, juntamente com a incerteza do exato momento que ele chegaria.

Um atraso inesperado

A parábola continua: “E tardando o noivo, cochilaram todas, e dormiram” (versículo 5). Todas as dez virgens dormiram e até mesmo as prudentes, que tinham bastante azeite. As virgens representam o povo da Igreja de Deus e aqui está uma forte advertência para a Igreja ficar acordada e alerta espiritualmente.

O apóstolo Paulo lança mais luz sobre o significado de lutar contra a sonolência espiritual: “Porque vós mesmos sabeis perfeitamente que o dia do Senhor virá como vem o ladrão de noite; pois quando estiverem dizendo: Paz e segurança! então lhes sobrevirá repentina destruição, como as dores de parto àquela que está grávida; e de modo nenhum escaparão. Mas vós, irmãos, não estais em trevas, para que aquele dia, como ladrão, vos surpreenda; porque todos vós sois filhos da luz e filhos do dia; nós não somos da noite nem das trevas; não durmamos, pois, como os demais, antes vigíemos e sejamos sóbrios” (1 Tessalonicenses 5:2-6).

A lição dessa parábola é sobre preparar-se agora, enquanto você ainda tem tempo. Aqueles que não se prepararem não serão autorizados a entrar no casamento.

Ao ler essa parábola, nós precisamos lembrar de que estamos todos suscetíveis a negligenciar a nossa salvação. Cada um de nós pode ser pego pelos cuidados deste mundo e começar a resvalar espiritualmente. Podemos perder de vista o fato de como o cristão deve ser vigilante. Todos nós podemos adormecer e ser pego de surpresa.

Penso em cada evento mundial significativo que poderia ter algo a ver com a profecia bíblica. As pessoas “acordam” e prestam atenção nas notícias, ficando admiradas, e dizem: “O que isso significa?” Quando ocorreram os ataques de 11 de setembro de 2001, meu telefone tocou e pessoas assustadas me perguntavam se aquele ataque poderia ter algo a ver com a profecia bíblica. Logo, as igrejas ficavam cheias durante semanas. Mas após passar o evento, a vida voltava ao normal. Se não tivermos cuidado, podemos adormecer.

Jesus, então, mostra o que acontece quando adormecemos espiritualmente: “Mas à meia-noite ouviu-se um grito: Eis o noivo! saí-lhe ao encontro! Então todas aquelas virgens se levantaram, e prepararam as suas lâmpadas” (versículos 6-7). Cada lâmpada de azeite tinha um pavio, que tinha que ser cortado para funcionar corretamente. Mas não acenderia sem combustível. As cinco virgens insensatas tinham suas lâmpadas e prepararam os pavios, mas não tinham azeite. Isso demonstra que podemos ter uma parte do necessário, mas ainda não ter a outra parte fundamental.

“E as insensatas disseram às prudentes: Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas estão se apagando. Mas as prudentes responderam: não; pois de certo não chegaria para nós e para vós; ide antes aos que o vendem, e comprai-o para vós” (versículos 8-9).

O combustível no mundo antigo era uma mercadoria valiosa. Cada pessoa tinha de garantir os seus devidos suprimentos. Você não podia contar com os outros para obter esse recurso. Assim tam-

bém é com o Espírito Santo — o bem mais valioso e poderoso que você pode ter. Você não pode confiar em seu amigo, seu cônjuge ou qualquer outra pessoa para lhe fornecer o Espírito Santo. Isso é *entre você e Deus*.

Alguns ficarão de fora

Ter caráter é crucial em momentos críticos. Se você não tem isso, então perderá oportunidades. A coragem e a visão que precisamos ter para tomar decisões sábias devem ser cultivadas e mantidas para que, em um momento de crise, já estejam em sua mente e coração. Ser guiados pelo Espírito de Deus é a principal diferença entre o sucesso e o fracasso.

As virgens insensatas tiveram que ir comprar o combustível, que haviam negligenciado em provisionar. “E, tendo elas ido comprá-lo, chegou o noivo; e as que estavam preparadas entraram com ele para as bodas, e fechou-se a porta” (versículo 10). As insensatas não estavam prontas para a chegada do noivo. Naquela situação, sair em busca de combustível naquela época era um erro fatal. Elas foram apanhadas desprevenidas. O noivo chegou, e elas foram deixadas para trás.

O som de uma porta fechando carrega uma sombria nota de fim de história. O noivo chegou para se casar com sua noiva. O casamento é realizado. Em qualquer cerimônia de casamento, há uma percepção de que tudo foi preparado para começar uma nova vida. Quando Jesus Cristo retornar e levar a Igreja, Sua noiva, então será o momento em que todo o trabalho de preparação culminará com a maior união de todos os tempos.

A lição dessa parábola é sobre *preparar-se agora, enquanto você ainda tem tempo*. Aqueles que não se prepararem não serão autorizados a entrar no casamento. “Depois vieram também as outras virgens, e disseram: Senhor, Senhor, abre-nos a porta. Ele, porém, respondeu: Em verdade vos digo, não vos conheço” (versículos 11-12).

De todas as palavras que Cristo poderia dizer a alguém, talvez estas sejam as mais trágicas: “*Eu não lhe conheço*”. No entanto, essa parábola e outras escrituras nos mostram que um tempo de juízo aguarda todo nós. A obra de nossa vida será avaliada. Deus é paciente e misericordioso, mas também é um Deus de julgamento.

Nessa parábola, a declaração conclusiva de Cristo nos traz de volta ao que temos de fazer agora: “Vigiai, pois, porque não sabeis nem o dia nem a hora” (versículo 13).

O retorno de Cristo é um evento que sabemos que *vai acontecer*, mas não sabemos *quando*. Por isso, temos que vigiar. Temos que vigiar nossas vidas, vigiar o nosso mundo e fazer com que a natureza e os eventos dos tempos nos incentivem a superar e viver a vida de maneira santa e piedosa a cada dia, a cada hora e a cada minuto.

Você é um Cristão Prudente e Vigilante? **BN**



PARA SABER MAIS

Qual é o propósito da vida humana? Por que você nasceu? O que significa arrependimento e conversão na Bíblia? Para responder estas perguntas baixe ou solicite o nosso guia de estudo gratuito “O Caminho para uma Vida Eterna”.

<http://portugues.ucg.org>

Você Não Sabe Que Cristo Está Em Você?

Somente no primeiro século os cristãos tiveram uma estreita ligação com o Pai e com Cristo? Ou será que hoje em dia nós também podemos ter essa mesma relação?

por Robin Webber

O jornalista norte-americano Tom Brokaw lançou um livro perspicaz intitulado *A Geração Grandiosa*, que retrata a vida de homens e mulheres corajosos que viveram a Grande Depressão e a Segunda Guerra Mundial.

As gerações mais jovens ficam admiradas com a maneira como seus pais e avós tiveram a vida afetada e transformada. De forma precisa, o autor narra o que constituía a fibra moral dessa geração, que lhes permitiu perseverar e vencer.

Da mesma forma, os cristãos muitas vezes admiram os atributos espirituais e os atos dos crentes do primeiro século. Essa geração espiritual é, frequentemente, considerada a “geração grandiosa” por causa dos sacrifícios, da bravura e dos incríveis resultados espirituais.

Mas nosso Pai Celestial tem uma “geração grandiosa” de seguidores ou será que Ele compartilha os meios de aperfeiçoar Sua obra com *cada* geração de crentes? Surpreendentemente, a resposta reside dentro de nós a respeito de como todo seguidor de cada geração pode abraçar com fervor o convite de seguir a Cristo.

É como se Ele nunca tivesse partido!

Poderíamos perguntar: “O *que* ou *quem* está próximo, interiorizado ou dentro de nós?” Vamos ponderar as palavras de despedida e encorajamento de Jesus aos Seus discípulos na noite antes de Sua morte: “Não vos deixarei órfãos; voltarei a vós. Ainda um pouco, e o mundo não Me verá mais; mas vós Me vereis, porque Eu vivo, e vós vivereis. Naquele dia conhecereis que estou *em* Meu Pai, e vós *em* Mim, e Eu *em* vós” (João 14:18-20, grifo nosso).

Você notou a tríplice ênfase da preposição “em”?

Qual o grande significado por trás dessa pequena palavra “em”? Jesus fez uma promessa profundamente pessoal para eles naquela noite. Mesmo depois de sua ascensão ao céu, Seus primeiros seguidores não descartou Sua presença literal com eles. Pois, levaram-No em Sua palavra.

Cada aspecto do ministério e da vida pessoal deles demonstrou essa intimidade e conexão com Cristo. Eles rogavam àqueles que ouviam a sua mensagem para não apenas crer em Jesus, mas para buscar Aquele que morreu, ressuscitou e vive para sempre, e *ter esse encontro pessoal com Ele, assim como eles fizeram de forma tão íntima.*

Os primeiros seguidores entenderam que ressurreição e a ascen-

são de Cristo marcou uma transição na forma como Ele realizava o ministério da salvação que o Pai Lhe confiou. Os eventos registrados no Novo Testamento são, literalmente, uma continuação da história da obra de Jesus através de outras pessoas e por meio de novos e extraordinários métodos.

O Filho de Deus opera, de forma dinâmica e sem as limitações humanas, através de um novo corpo espiritual coletivo do qual Ele é a cabeça — ou seja, a Igreja, aqueles que foram chamados para sair deste mundo e segui-Lo (Efésios 1:22-23).

Assim, Seus seguidores se tornariam a própria voz dEle para anunciar Suas verdades. Eles seriam Seus braços e mãos para alcançar aqueles que precisam. Eles seriam Seus pés para levar *A Boa Nova* da salvação a todo o mundo e mais além. E nós não fomos chamados para fazer a mesma coisa?

“Em” significa dentro!

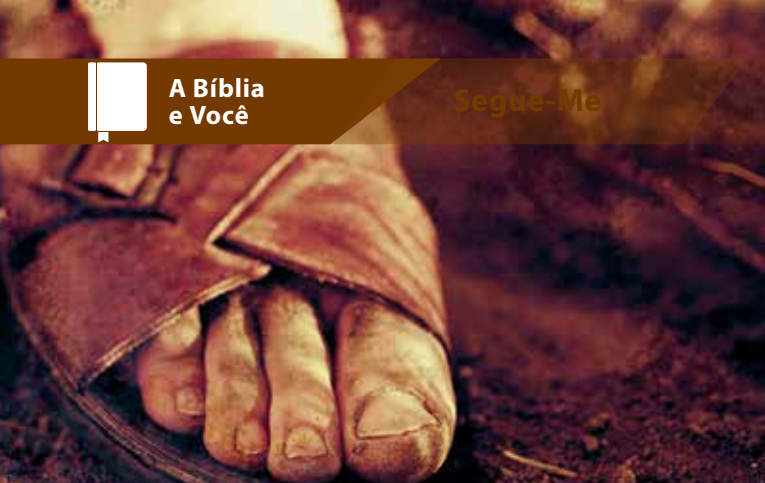
O apóstolo Paulo desafia, enfaticamente, os discípulos de todas as gerações a considerar a realidade dinâmica das palavras de Cristo: “Examinai-vos a vós mesmos se permaneceis na fé; provai-vos a vós mesmos. Ou não sabeis quanto a vós mesmos, que *Jesus Cristo está em vós?*” (2 Coríntios 13:5).

Muito frequentemente, acontece de minimizarmos o impacto divino dessa simples e importante declaração, relegando-a a uma inferência metafórica ao invés de torná-la uma âncora firme de nossa existência.

Em Seu breve ministério terreno, Jesus aludiu claramente a isso ao pedir que Seus seguidores adorassem a Deus de uma nova maneira. Antes de Sua vinda como ser humano, Israel, e mais tarde os judeus, tinham sido guiados por Deus, que se manifestava através de uma sarça ardente, de uma coluna de nuvem e fogo, das palavras de anjos e profetas, e por meio da manifestação transitória de Seu espírito ao longo dos tempos.

“Mas”, disse Jesus, “a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o Pai procura a tais que assim O adorem. Deus é Espírito, e é necessário que os que O adoram O adorem em espírito e em verdade” (João 4:23-24). Aqui, Cristo nos assinala um novo campo de experiência.

Mais tarde, baseando-se nessas palavras, Paulo escreveu: “Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós. Mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo,



O Espírito de Deus dentro de nós age para nos converter, para que possamos "andar como Ele andou" — para vivermos exatamente como Jesus Cristo viveu.

esse tal não é dEle. Ora, se Cristo está em vós, o corpo, na verdade, está morto por causa do pecado, mas o espírito vive por causa da justiça. E, se o Espírito dAquele que dos mortos ressuscitou a Jesus habita em vós, Aquele que dos mortos ressuscitou a Cristo Jesus há de vivificar também os vossos corpos mortais, pelo Seu Espírito que *em vós habita*” (Romanos 8:9-11).

O Espírito do Pai e o Espírito de Cristo é o mesmo Espírito Santo — o mesmo Espírito que pode viver em nós, que somos fiéis.

Agora vamos juntar alguns pensamentos para entendermos completamente o que é, na verdade, o dom do Espírito Santo. Deus é santo (1 Pedro 1:15-16; Apocalipse 15:3-4). Cristo é santo (Atos 2:26-27; 4:30). E ambos, Deus Pai e Jesus Cristo, são Espíritos (João 4:23-24; Romanos 8:9-11).

A simples verdade bíblica é que o miraculoso dom de Deus para nós *se trata de Sua própria essência*, ou seja, o que Ele é, — Espírito (*Espírito Santo*) — *em nós*. E essência é definida como a natureza íntima, a substância ou a qualidade especial que distingue algo — neste caso, Deus. Ao colocar Sua essência em nós, o Pai e Cristo *realmente se tornam presentes dentro de nós*.

Você é o templo de Deus!

Paulo fez esta surpreendente declaração: “Não sabeis vós que *sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?... o templo de Deus, que sois vós, é santo*” (1 Coríntios 3:16-17, ACF).

Agora chegamos a compreender a declaração de Cristo de que o dia viria quando Seus seguidores não iriam de um canto a outro para Lhe adorar. Deus decidiu nos encher de Sua divina presença — a presença do Pai e de Cristo através do Espírito Santo — quando, voluntariamente, nos entregamos a Ele.

Portanto, não é de se admirar que Paulo fizesse esta afirmação: “E vivo, não mais eu, *mas Cristo vive em mim*” (Gálatas 2:20). Ele não se limita a dizer: “Eu sou de Cristo” ou “Meu comportamento corresponde ao de Cristo”. O Espírito de Deus dentro de nós age para nos converter para que possamos “andar como Ele andou” (1 João 2:6) — para viver como Ele viveu.

Paulo afirmou ainda em Colossenses 1:27 que a grande vontade de nosso Pai Celestial é nos “fazer conhecer quais são as riquezas da glória deste mistério entre os gentios, que é *Cristo em vós, a esperança da glória*”.

Vamos comparar as riquezas da glória desse mistério com 2 Coríntios 4:6-7: “Porque Deus, que disse: Das trevas brilhará a luz [fisicamente, em Gênesis 1], é quem brilhou em nossos corações [espiritualmente] para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo. Temos, porém, este tesouro em vasos de barro [corpo físico], para que a excelência do poder seja de Deus, e não da nossa parte”.

Esse entendimento foi o que permitiu aos cristãos do primeiro século aproveitar as oportunidades e superar os desafios daquela época. E essa revelação é que continua permitindo que cada pessoa atenda ao convite de seguir a Jesus e permaneça nessa jornada da vida.

Os discípulos confiaram nesta promessa de Jesus: “Não vos deixarei órfãos; voltarei a vós” (João 14:18) e compreenderam que Ele não se limitou a dizer isso apenas de Seu futuro retorno à Terra como Rei dos reis e Senhor dos senhores, mas *agora como nosso Pastor pessoal* — o Grande Pastor das ovelhas (Hebreus 13:20).

Ele é um Pastor que não vai nos negar ajuda ou que temos que sair buscando — porque Ele está *em nós*, está incorporado onde nenhum homem ou evento externo pode alcançar. Porquanto, Deus escolheu trabalhar e desenvolver sua nova criação de dentro para fora.

E a mesma coisa acontece hoje. A realidade da saga cristã, através dos tempos, é que Deus não tem nenhuma “geração grandiosa”. Afinal de contas, Ele não faz acepção de pessoas (Atos 10:34), e todos nós somos Seus filhos (1 João 3:9-10), pois, em um sentido espiritual, Ele não rejeita nenhuma geração. E, literalmente, Ele colocou a essência da justiça de Seu Filho em todos os Seus verdadeiros seguidores para orientá-los e para ajudá-los a permanecer fiéis e para reconhecerem e prestarem atenção em Sua presença neles.

Quando Deus deu a Seu Filho o nome de Emanuel — “Deus conosco” (Isaías 7:14), poucas pessoas poderiam imaginar a profundidade da intenção de Deus, pois o Messias não seria simplesmente um companheiro andando ao nosso lado, mas que *viveria dentro de nós*, possibilitando assim que o nosso Pai Celestial nos aperfeiçoasse.

Quando os cuidados desta vida nos fazem querer abandonar o convite de seguir a Cristo, então é preciso recordar e ponderar neste desafio de Paulo: “*Você não sabe que Cristo está em você?*” Esse é o dom! Essa é a garantia! E com a oportunidade vem a responsabilidade, como veremos da próxima vez. **BN**



PARA SABER MAIS

Como começar a viver uma vida de submissão a Deus, uma vida que Lhe agrada, uma vida transformada pelo Espírito e poder de Deus? Você precisa ler nosso guia de estudo bíblico “*Transformando A Sua Vida: O Processo de Conversão*”. Baixe ou solicite hoje mesmo sua cópia gratuita!

<http://portugues.ucg.org>

Os Exemplos Surpreendentes das Profecias Cumpridas!

Bem-vindo à quinta lição da série “A Profecia Bíblica e Você”. Com esta lição, esperamos abrir o apetite para um assunto não apenas emocionante, mas, espiritualmente, muito proveitoso. Ele irá fortalecer a sua fé em Deus e na Bíblia, como a infalível revelação de Deus!

Na medida em que você aprende sobre o cumprimento detalhado de profecias bíblicas de eventos, que estão agora no passado, você começará a confiar e acreditar plenamente nas profecias de *eventos futuros*, que ainda vão ocorrer!

A missão dos profetas de Deus tinha mais a ver com a pregação do arrependimento e da obediência do que cerca da predição de eventos futuros. Eles definiam o bem e o mal e explicava os resultados. Mas o cumprimento de suas profecias é realmente inspirador.

Cada profecia cumprida exalta e glorifica a Deus! Ele é o todo-poderoso Criador do universo, que tem um plano mestre, que determina os eventos futuros e, em seguida, os faz acontecer — de forma detalhada e no tempo exato!

Todas as profecias são surpreendentes. Sem dúvida, somente Deus pode prever o futuro, porque só Ele tem o poder de fazer acontecer o que anuncia (Isaías 46:9-11).

A profecia bíblica começa com a história de Adão e Eva no Jardim do Éden.

No meio daquele belo jardim havia duas árvores. Deus tinha avisado ao primeiro casal humano que não comesse da árvore do conhecimento do bem e do mal. Mas o diabo, falando através de uma serpente, convenceu a Eva que Deus estava mentindo e que estava escondendo algumas coisas boas deles.

“É mentira!”, contestou a serpente. “Vocês não morrem não! Deus sabe muito bem que se vocês comerem essa fruta, no mesmo instante vocês ficarão como Ele, pois os seus olhos se abrirão. Vocês vão ficar sabendo distinguir entre o bem e o mal!” (Gênesis 3:4-5, Bíblia Viva).

Eva acreditou nessa mentira. Ambos, ela e Adão, escolheram

desobedecer a Seu Criador, então Deus tirou as bênçãos idílicas da vida no Jardim do Éden e, em seguida, sua oportunidade de participar da árvore que representa a vida eterna. Deus também predisse que eles — e, *posteriormente, toda a humanidade* — teriam muito mais dificuldades nesta vida em seus relacionamentos, na formação de família, na agricultura, em conseguir o sustento e muitos outros problemas relacionados (Gênesis 3:16-19, 22-24). Toda a humanidade compartilha dessas maldições, porque “todos pecaram” (Romanos 3:23).

Entretanto, no julgamento que Deus decretou para Satanás, Ele fez alusão ao Seu plano para a “restauração de todas as coisas” (Atos 3:19-21). Ele disse à serpente: “Porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua descendência e a sua Descendência [Jesus Cristo]; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar” (Gênesis 3:15).

O ferimento no calcanhar da descendência da mulher era uma metáfora da crucificação e morte de Cristo, que não poderia ser retido por ela. Depois de três dias e três noites, Ele foi ressuscitado dentre os mortos. O sacrifício de Cristo abriu o caminho para remover as penalidades do pecado e depois, em Sua segunda vinda, Jesus vai retirar essas maldições da Terra.

Exemplos de profecias já cumpridas

Nenhum ser humano pode “ver” seu futuro. O melhor que alguém pode fazer a esse respeito é dar um palpite. Os profetas de Deus (às vezes, chamados de “videntes”) podiam ver o futuro *através das revelações divinas* — por palavras ou visões. E eles retransmitiram essas revelações de Deus. Portanto, as profecias cumpridas provam a divindade suprema de Deus e a absoluta veracidade e validade da Bíblia.

As profecias bíblicas têm revelado os detalhes dos dois maiores eventos do mundo, um no passado e outro no futuro. Esses eventos são a primeira e a segunda vinda de Jesus Cristo! Em nisso vamos nos concentrar em futuras lições desta série.

Por causa da extrema maldade que afligia toda a Terra, Deus disse que um dilúvio universal iria destruir todos os seres humanos, exceto Noé e sua família. Então, veio o Dilúvio.

A lição atual contém uma amostra muito pequena das centenas de *outras* eventos profetizados que já aconteceram.

► Deus previu um dilúvio catastrófico que destruiria toda a Terra?

“Viu o SENHOR que era grande a maldade do homem na terra, e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era má continuamente. Então arrependeu-se o SENHOR de haver feito o homem na terra, e isso lhe pesou no coração. E disse o SENHOR: Destruirei da face da terra o homem que criei, tanto o homem como o animal, os répteis e as aves do céu; porque me arrependo de os haver feito. Noé, porém, achou graça aos olhos do SENHOR...”

“Porque eis que Eu trago o dilúvio sobre a terra, para destruir, de baixo do céu, toda a carne em que há espírito de vida; tudo o que há na terra expirará. Mas contigo estabelecerei o meu pacto; entrarás na arca, tu e contigo teus filhos, tua mulher e as mulheres de teus filhos” (Gênesis 6:5-8, 17-18).

Por causa da extrema maldade que afligia toda a Terra, Deus disse que um dilúvio universal iria destruir todos os seres humanos, exceto Noé e sua família. Deus chamou a Noé para construir uma arca e, ao mesmo tempo, para ser um “pregador da justiça”, advertindo as pessoas para que se arrependessem de seus pecados (2 Pedro 2:5).

Em Gênesis 6:3 parece denotar que Deus anunciou Seu plano cento e vinte anos antes do dilúvio, significando que Noé teria todo esse tempo para avisar as pessoas. Esse é um exemplo notável de como Deus é misericordioso e “longânimo para convosco, não querendo que ninguém se perca, senão que todos venham a arrepender-se” (2 Pedro 3:9). E então, finalmente, veio o dilúvio.

A confirmação desse evento veio através de Jesus Cristo, dos profetas e dos apóstolos, pois todos estes se referiram a Noé e ao dilúvio como fatos da história. A abundante evidência geológica também testemunha um dilúvio mundial. Podemos aprender grandes lições espirituais dessa série de eventos, incluindo aquele que Jesus explicou em Mateus 24:37-39.

► Será que Deus previu grandes bênçãos para os descendentes de Abraão?

“Ora, o SENHOR disse a Abrão: Sai-te da tua terra, da tua parentela, e da casa de teu pai, para a terra que Eu te mostrarei. Eu farei de ti uma grande nação; abençoar-te-ei, e engrandecerei o teu nome; e tu, sê uma bênção. Abençoarei aos que te abençoarem, e amaldiçoarei àquele que te amaldiçoar; e em ti serão benditas todas as famílias da terra” (Gênesis 12:1-3).

“Ao que lhe veio a palavra do SENHOR, dizendo: Este [um servo nascido na casa de Abrão] não será o teu herdeiro; mas aquele que sair das tuas entranhas, esse será o teu herdeiro. Então o levou para fora, e disse: Olha agora para o céu, e conta as estrelas, se as podes contar; e acrescentou-lhe: Assim será a tua descendência” e disse-lhe: ‘Assim será a tua descendência’ (Gênesis 15:4-5).

“Quando Abrão tinha noventa e nove anos, apareceu-lhe o SENHOR e lhe disse: Eu sou o Deus Todo-Poderoso; anda em Minha presença, e sê perfeito; e firmarei o Meu pacto contigo, e sobremaneira te multiplicarei.

“Ao que Abrão se prostrou com o rosto em terra, e Deus falou-lhe, dizendo: Quanto a Mim, eis que o meu pacto é contigo, e serás pai de muitas nações.

“Far-te-ei frutificar sobremaneira, e de ti farei nações, e reis sairão de ti; estabelecerei o Meu pacto contigo e com a tua descendência depois de ti em suas gerações, como pacto perpétuo, para te ser por Deus a ti e à tua descendência depois de ti. Dar-te-ei a ti e à tua descendência depois de ti a terra de tuas peregrinações, toda a terra de Canaã, em perpétua possessão; e serei o Seu Deus” (Gênesis 17:1-8).

“Então o anjo do SENHOR bradou a Abraão pela segunda vez desde o céu, e disse: Por mim mesmo jurei, diz o SENHOR, porquanto fizeste isto, e não Me negaste teu filho, o teu único filho, que deveras te abençoarei, e grandemente multiplicarei a tua descendência, como as estrelas do céu e como a areia que está na praia do mar; e a tua descendência possuirá a porta dos seus inimigos; e em tua descendência serão benditas todas as nações da terra; porquanto obedeste à Minha voz” (Gênesis 22:15-18).

Deus predisse que Abraão teria um filho em sua velhice e seus descendentes seriam tão numerosos quanto às estrelas do céu e que ele iria “ser pai de muitas nações”. O cumprimento dessas promessas feitas a Abraão, Isaque e Jacó é um assunto extenso e fascinante. Para saber mais sobre esse tema, você pode baixar ou solicitar o nosso guia de estudo bíblico gratuito *Os Estados Unidos e a Inglaterra na Profecia Bíblica*.

Deus também fez uma importante promessa *espiritual* a Abraão. Quando Deus disse em Gênesis 22:18 e 26:4 que “em tua descendência serão benditas todas as nações da Terra”, Ele estava predizendo, principalmente, as bênçãos vindouras através de *um* descendente — a “descendência”, no singular, Jesus Cristo — que seria o “Salvador do mundo” (Gálatas 3:16; 1 João 4:14). Deus deu essa profecia quase mil e novecentos anos antes do nascimento de Jesus!

► Deus disse a Abraão que, ao longo de quatrocentos anos, seus descendentes seriam peregrinos e depois escravos em uma terra estrangeira e, em seguida, seriam libertados e sairiam “com muitos bens”?

“Então o SENHOR lhe disse: Saiba que os seus descendentes serão estrangeiros numa terra que não lhes pertencerá, onde também serão escravizados e oprimidos por quatrocentos anos. Mas Eu castigarei a nação a quem servirão como escravos e, depois de tudo, sairão com muitos bens” (Gênesis 15:13-14, NVI).

Essa surpreendente profecia, sem dúvida, desencadeou muitas questões na mente de Abraão: *Por que e como eles se tornariam escravos? Como Deus iria libertá-los? Como eles conseguiriam sair da escravidão com muitos bens?*

A profecia foi cumprida pelos descendentes de Abraão, que

migraram para o Egito e, mais tarde, foram escravizados, e, eventualmente, libertados por Deus, sob a liderança de Moisés. A libertação dos israelitas é descrita no livro de Êxodo (ver principalmente Êxodo 3:20-22).

► Deus disse a Moisés que faria muitos milagres para tirar o povo de Israel do Egito e levá-lo para uma magnífica terra prometida?

“Então disse o SENHOR: Com efeito tenho visto a aflição do meu povo, que está no Egito, e tenho ouvido o seu clamor por causa dos seus exatores, porque conheço os seus sofrimentos; e desci para o livrar da mão dos egípcios, e para o fazer subir daquela terra para uma terra boa e espaçosa, para uma terra que mana leite e mel; para o lugar do cananeu, do heteu, do amorreu, do perizeu, do heveu e do jebuseu...

“Eu sei, porém, que o rei do Egito não vos deixará ir, a não ser por uma forte mão. Portanto estenderei a Minha mão, e ferirei o Egito com todas as Minhas maravilhas que farei no meio dele. Depois vos deixará ir” (Êxodo 3:7-8, 19-20).

“Depois disse o SENHOR a Moisés: vai a Faraó; porque tenho endurecido o seu coração, e o coração de seus servos, para manifestar estes Meus sinais no meio deles, e para que contes aos teus filhos, e aos filhos de teus filhos, as coisas que fiz no Egito, e os Meus sinais que operei entre eles; para que vós saibais que Eu sou o SENHOR” (Êxodo 10:1-2).

Sem dúvida, Deus fez tudo o que prometeu fazer! Ele esmagou o grande poder do Egito, libertou os israelitas e os conduziu para fora do Egito. Ele cuidou dos israelitas em um deserto desolador por quarenta anos e, em seguida, ajudou-os a conquistar a terra de Canaã. Esses eventos incríveis, espetaculares e milagrosos foram anunciados antes de acontecerem!

Grande parte dos livros de Êxodo, Levítico, Números, Deuteronômio e Josué se dedicam a esses eventos e, frequentemente, são referidos em toda a Bíblia. Exatamente de acordo com Seu plano e propósito, Deus lançou mão de inúmeros milagres para mostrar que o grandioso poderio bélico de uma nação não é nada comparado ao Seu supremo poder.

► Deus predisse que o reino de Israel seria conquistado e seu povo seria deportado por causa de seus pecados?

“Ferirá o SENHOR a Israel, como se agita a cana nas águas; e arrancará a Israel desta boa terra que tinha dado a seus pais, e o espalhará para além do rio, porquanto fizeram os seus aserins, provocando o SENHOR à ira. E entregará Israel por causa dos pecados de Jeroboão, o qual pecou e fez pecar a Israel” (1 Reis 14:15-16).

Após a morte de Salomão, as dez tribos do norte de Israel se separaram de Judá, para formar o reino de Israel (Judá e Benjamin constituíram o reino do sul, ou seja, o reino de Judá). Jeroboão, rei de Israel, arrastou a nova nação para longe das leis de Deus, em direção à idolatria. Por isso, Deus inspirou ao profeta Aías a profetizar que Ele iria “arrancar Israel” e espalhar seu povo, “além do rio”, isto é, ao nordeste do Eufrates. Na época, a Assíria estava aumentando seu poder bélico, e seria o instrumento de Deus para punir Israel.

Deus “advertiu a Israel e a Judá pelo ministério de todos os profetas e de todos os videntes, dizendo: Voltai de vossos maus caminhos” (2 Reis 17:13). Depois de os profetas de Deus terem advertido

a Israel por cerca de duzentos anos, o rei da Assíria sitiou a capital de Israel, Samaria, durante três anos, e a conquistou em 722 a.C., e “levou Israel cativo para a Assíria”, onde seus habitantes foram espalhados entre outras nações (2 Reis 17:5-7, 23).

A maior parte do mundo de hoje considera os israelitas levados cativos e seus descendentes como “as dez tribos perdidas”. No entanto, eles não estão realmente “perdidos”, e você pode aprender isso com o nosso guia de estudo bíblico gratuito *Os Estados Unidos e a Inglaterra na Profecia Bíblica*.

► Será que Deus predisse que o reino de Judá seria conquistado por Nabucodonosor e levado ao cativeiro na Babilônia por setenta anos por causa de seus pecados, mas que, em seguida, seria libertado para retornar à sua terra natal?

“Portanto assim diz o SENHOR dos exércitos: Visto que não escutastes as Minhas palavras eis que Eu enviarei, e tomarei a todas as famílias do Norte, diz o SENHOR, como também a Nabucodonosor, rei de Babilônia, Meu servo, e os trarei sobre esta terra, e sobre os seus moradores, e sobre todas estas nações em redor. e os destruirei totalmente, e farei que sejam objeto de espanto, e de assobio, e de perpétuo opróbrio.

“E farei cessar dentre eles a voz de gozo e a voz de alegria, a voz do noivo e a voz da noiva, o som das mós e a luz do candeeiro. E toda esta terra virá a ser uma desolação e um espanto; e estas nações servirão ao rei de Babilônia setenta anos.

“Acontecerá, porém, que quando se cumprirem os setenta anos, castigarei o rei de Babilônia, e esta nação, diz o SENHOR, castigando a sua iniquidade, e a terra dos caldeus; farei dela uma desolação perpetua” (Jeremias 25:8-12).

“Porque assim diz o SENHOR: Certamente que passados setenta anos em Babilônia, Eu vos visitarei, e cumprirei sobre vós a minha boa palavra, tornando a trazer-vos a este lugar” (Jeremias 29:10).

De fato, essas surpreendentes e específicas profecias foram cumpridas com precisão. Por mais de trezentos anos, Deus enviou profetas para avisar ao reino de Judá sobre seus pecados, mas os avisos foram, em sua maioria, ignorados. O período de setenta anos refere-se a várias coisas: a duração de setenta anos do Império Babilônico, um cativeiro de setenta anos de Judá, antes que alguns voltassem, e um período de setenta anos sem um templo funcional em Jerusalém. Estes não são todos os mesmos setenta anos, mas muito se sobrepõem.

A queda de Babilônia será abordada na última interrogante desta lição. O relato da libertação dos judeus cativos está descrito em 2 Crônicas 36:20-23.

► Será que Deus usou um sonho de Nabucodonosor para prever quatro grandes impérios consecutivos, seguido pelo estabelecimento do Reino de Deus na Terra?

“Este é o sonho; agora diremos ao rei a sua interpretação. Tu, ó rei, és rei de reis, a quem o Deus do céu tem dado o reino, o poder, a força e a glória; e em cuja mão ele entregou os filhos dos homens, onde quer que habitem, os animais do campo e as aves do céu, e te fez reinar sobre todos eles; tu és a cabeça de ouro.

“Depois de ti se levantará outro reino, inferior ao teu; e um

As profecias detalhadas sobre Ciro mostram como Deus tem o domínio absoluto sobre Sua criação!

terceiro reino, de bronze, o qual terá domínio sobre toda a terra. E haverá um quarto reino, forte como ferro, porquanto o ferro esmiúça e quebra tudo; como o ferro quebra todas as coisas, assim ele quebrantará e esmiuçará.

“Quanto ao que viste dos pés e dos dedos, em parte de barro de oleiro, e em parte de ferro, isso será um reino dividido; contudo haverá nele alguma coisa da firmeza do ferro, pois que viste o ferro misturado com barro de lodo. E como os dedos dos pés eram em parte de ferro e em parte de barro, assim por uma parte o reino será forte, e por outra será frágil. Quanto ao que viste do ferro misturado com barro de lodo, misturar-se-ão pelo casamento; mas não se ligarão um ao outro, assim como o ferro não se mistura com o barro.

“Mas, nos dias desses reis, o Deus do céu suscitará um reino que não será jamais destruído; nem passará a soberania deste reino a outro povo; mas esmiuçará e consumirá todos esses reinos, e subsistirá para sempre. Porquanto viste que do monte foi cortada uma pedra, sem auxílio de mãos, e ela esmiuçou o ferro, o bronze, o barro, a prata e o ouro, o grande Deus faz saber ao rei o que há de suceder no futuro. Certo é o sonho, e fiel a sua interpretação” (Daniel 2:36-45).

Você pode ler todo o segundo capítulo do livro de Daniel para saber todo o contexto. Deus inspirou a Daniel a interpretar corretamente o sonho de Nabucodonosor acerca de uma grande imagem em forma humana, composta de diferentes metais. Daniel disse ao rei que ele era “a cabeça de ouro” (versículo 38), de modo que a Babilônia foi o primeiro império dessa série de reinos.

Então, durante o reinado do rei babilônio Belsazar, Daniel teve uma visão que revelava os próximos dois impérios mundiais, seriam o reino da “Média e da Pérsia” e logo seguido pelo reino da “Grécia”, o qual seria dividido em quatro partes (Daniel 8:1-8, 20-22).

O próximo grande império da história seria o Império Romano, com seus sucessivos ressurgimentos. A maioria dos estudiosos da Bíblia concorda com a interpretação dessas quatro partes da imagem, as quais, ao se comparar com a história, se tornam bastante óbvias.

A parte realmente emocionante da profecia é que todos esses reinos humanos serão substituídos um dia, quando “o Deus do céu suscitar[á] um reino que não será jamais destruído” (Daniel 2:44-45). É incrível que nesse único capítulo, Deus tenha dado um esboço dos eventos dos próximos dois mil e quinhentos anos, ou talvez mais, até a segunda vinda de Cristo para estabelecer o Reino de Deus!

► **Deus teria predito, com a antecedência de cento e cinquenta anos, que Babilônia seria a nação conquistadora, e que ela libertaria os judeus cativos e até mesmo iria permitir-lhes voltar para reconstruir Jerusalém e o templo?**

“Sou Eu que confirmo a palavra do Meu servo, e cumprio o conselho dos Meus mensageiros; que digo de Jerusalém: Ela será

habitada; e das cidades de Judá: Elas serão edificadas, e Eu levantarei as suas ruínas; que digo ao abismo: Seca-te, eu secarei os teus rios; que digo de Ciro: Ele é Meu pastor, e cumprirá tudo o que me apraz; de modo que ele também diga de Jerusalém: Ela será edificada, e o fundamento do templo será lançado” (Isaías 44:26-28).

“Assim diz o SENHOR ao Seu unguído, a Ciro, a quem tomo pela mão direita, para abater nações diante de sua face, e descingir os lombos dos reis; para abrir diante dele as portas, e as portas não se fecharão; Eu irei adiante de ti, e tornarei planos os lugares escabrosos; quebrarei as portas de bronze, e despedaçarei os ferrolhos de ferro. Dar-te-ei os tesouros das trevas, e as riquezas encobertas, para que saibas que Eu sou o SENHOR, o Deus de Israel, que te chamo pelo teu nome.

“Por amor de Meu servo Jacó, e de Israel, Meu escolhido, Eu te chamo pelo teu nome; ponho-te o teu sobrenome, ainda que não Me conheças. Eu sou o SENHOR, e não há outro; fora de mim não há Deus; Eu te cinjo, ainda que tu não me conheças. Para que se saiba desde o nascente do sol, e desde o poente, que fora de Mim não há outro; Eu sou o SENHOR, e não há outro” (Isaías 45:1-6).

“Eu o despertei em justiça, e todos os seus caminhos endireitarei; ele edificará a Minha cidade, e libertará os Meus cativos, não por preço nem por presentes, diz o SENHOR dos exércitos” (versículo 13).

Isaías registra Deus predizendo a reconstrução de Jerusalém e do templo antes mesmo de que fossem destruídos! Ele predisse a libertação dos cativos judeus antes que fossem levados para o cativeiro! Ele predisse o nome de Ciro, muito antes de ele ter nascido!

O próprio Deus disse: “Eu secarei os teus rios” (Isaías 44:27), uma profecia da estratégia de Ciro, que desviaria as águas do Eufrates para que seus soldados pudesse percorrer o leito do rio até a cidade da Babilônia, e conquistá-la. Deus mesmo predisse que alguém iria abrir as “portas” defronte ao rio naquela noite (45:1). Parte do cumprimento dessas profecias divinas diz respeito ao edito de Ciro para reconstruir o templo de Deus (ver Esdras 1:1-4).

O tema dos capítulos 40 a 48 de Isaías é a previsão do futuro como uma grande prova do poder único e supremo de Deus. As profecias detalhadas sobre Ciro mostram como Deus tem o domínio absoluto sobre Sua criação! Deus resume isso bem na profecia de Ciro em Isaías 46:11 (que também fala em um duplo sentido da futura vinda de Cristo): “Sim, Eu o disse, e Eu o cumprirei; formei esse propósito, e também o executarei!”

Pratique Agora

Anote três lições espirituais que tenha aprendido com essas profecias e seu cumprimento. Como resultado, esta lição irá ter um efeito ainda mais intenso em você e será uma bênção mais duradoura em sua vida. Nós também o encorajamos a ler o nosso guia de estudo bíblico gratuito *A Bíblia Merece Confiança?* Você pode baixá-lo ou solicitá-lo pelo site portugues.ucg.org.





Natal Antes de Cristo existir?

Desmascarando a Origem Desse Feriado Religioso

A maioria das pessoas sabe que a Bíblia não menciona — e muito menos santifica — o Natal. Mas isso faz alguma diferença, desde que a intenção seja a de honrar a Deus e reunir a família?

por Jerold Aust

O comediante norte-americano Drew Carey foi entrevistado no famoso programa de televisão *The View*. E surpreendeu o público quando teve a coragem de dizer às crianças a verdade sobre o Papai Noel.

“Eu não acho que você deve dizer às crianças que Papai Noel existe”, disse ele. “Essa é a primeira mentira que você diz aos seus filhos”. Em vez disso, “diga às crianças que o Papai Noel é um personagem que inventamos para celebrar uma época festiva”. Caso contrário, “quando essas crianças tiverem cinco anos de idade . . . elas vão dar-se conta de que seus pais lhe mentiram a vida toda”.

No início daquele mesmo ano, o canal de TV a cabo A&E exibiu um programa sobre o Natal intitulado *O Natal Desembrulhado: A História do Natal*. A chamada para esse programa dizia o seguinte:

“Pessoas de todo o mundo celebram o nascimento de Cristo em 25 de dezembro. Mas por que a natividade do Salvador é marcada pela troca de presentes e será que Ele realmente nasceu nesse dia? E de onde vem a árvore de Natal?”

“Faça uma viagem encantadora através da história desse feriado religioso favorito do mundo para aprender as origens de algumas das tradições mais duradouras do mundo ocidental. Descubra o surgimento do Natal nas festas pagãs, como a Saturnália romana, que celebrava o solstício de inverno”.

Esses dois programas mostraram que o Papai Noel é fictício e que o Natal, e suas armadilhas, decorrem de festivais romanos pagãos. Entretanto, essas não são as únicas fontes de informação sobre a origem do Papai Noel e do Natal.

Será que há mais coisas nessas antigas tradições e práticas do que conseguimos ver? E, o que é mais importante, será que faz alguma diferença se continuarmos a observá-las?

Celebração do deus sol

Pode parecer estranho que alguma celebração religiosa relativa à Cristo possa anteceder ao cristianismo. No entanto, o feriado religioso que conhecemos como Natal existia antes de Jesus Cristo. Os elementos dessa celebração podem ser rastreados até ao antigo Egito, a Babilônia e a Roma. Este fato não difama a Jesus, no entanto, chama a atenção para a percepção e a astúcia daqueles que, ao longo de milênios, têm insistido em perpetuar uma antiga festa pagã, que chegou a grande parte do mundo como o nome de Natal.

Os membros da Igreja primitiva ficariam surpresos só em pensar que os costumes e práticas associados ao Natal seriam incorporados à celebração do nascimento de Cristo. Porém, vários séculos passariam até o nome de Cristo ser vinculado a esse popular feriado romano.

Como explica Alexander Hislop em seu livro *As Duas Babilônias*: “Os escritores mais instruídos e mais sinceros admitem que o dia do nascimento do nosso Senhor não pode ser determinado, e que dentro da Igreja cristã existem festivais, como o Natal, que nunca se ouviu falar até o terceiro século, e que somente no fim do século IV é que isso começa a ser muito observado” (1959, pp. 92-93).

Quanto à maneira como o dia 25 de dezembro tornou-se a data do Natal, praticamente qualquer livro sobre a história do Natal vai explicar que esse dia era celebrado no Império Romano como o aniversário do deus sol.

Ao explicar como o dia 25 de dezembro foi escolhido como suposto dia do nascimento de Jesus, o livro *Quatro Mil Anos de Natal* diz: “Esse dia era sagrado não só para os romanos pagãos, mas também para a religião da Pérsia, pois, naquele tempo, ele era um dos mais fortes concorrentes do cristianismo. Essa religião persa era o mitraísmo, cujos seguidores adoravam o sol e comemoravam seu retorno à plena força naquele dia” (Earl e Alice Conde, 1997, p. 37).

O dia 25 de dezembro não era apenas homenageado como o nascimento do sol, pois também era um festival observado pelas nações para celebrar o aumento da luz do dia após o solstício de inverno, o dia mais curto do ano. Na verdade, o precursor do Natal foi um festival de inverno idólatra caracterizado por excessos e libertinagem, e que ocorria muitos séculos antes do cristianismo.

A introdução de práticas pré-cristãs

Esse antigo festival ganhou diferentes nomes em várias culturas. Em Roma, ele era chamado de Saturnália, em honra a Saturno, o deus romano da agricultura. Sua observância foi adotada pelos líderes da primitiva igreja romana e recebeu o nome de Cristo (“missa de Cristo” ou Christmas em Inglês) para conciliar os convertidos pagãos e aumentar o número de adeptos nominais ao cristianismo.

A tendência de parte da liderança católica do terceiro século era encontrar um meio-termo para satisfazer aos pagãos — prática evidenciada pelo amargo lamento de um dos primeiros padres da igreja católica, Tertuliano.



Os cristãos professos deveriam examinar a procedência dos símbolos do Natal e parar de dizer a seus filhos que o Papai Noel e seus duendes, renas e os presentes natalinos têm algo a ver com Jesus Cristo.

Em 230 d.C., ele escreveu sobre a inconsistência dos cristãos professos. Ele contrastou suas práticas relaxadas e políticas com a estrita fidelidade dos pagãos com suas próprias crenças:

“Para nós que são estranhos os sábados, as luas novas e os festivais [as festas bíblicas enunciadas em Levítico 23], uma vez aceitável a Deus, as saturnais, as festas de janeiro, a Brumália e a Matronália, são frequentadas; presentes são transportados para lá e para cá, presentes do dia de ano novo são feitos com algazarra, e prática de esportes e banquetes são comemorados com alvoroço; oh, quanto mais fiéis são os pagãos à sua religião, que tomam um cuidado especial para não adotarem a solenidade dos cristãos” (citado por Hislop, p. 93).

Como não estava conseguindo fazer muito progresso na conversão dos pagãos, os líderes religiosos da Igreja Romana começaram a se comprometer, envolvendo os costumes pagãos em trajes de aparência cristã. Mas, em vez de convertê-los às crenças da igreja, eles converteram grande parte dos costumes pagãos em suas próprias práticas religiosas.

Embora, no início a Igreja Católica tenha censurado essa celebração, “esse festival estava muito arraigado na mente do povo para ser abolido, e a Igreja finalmente lhe concedeu o reconhecimento necessário, acreditando que se o Natal não poderia ser extinto, ele deveria ser preservado em honra ao Deus cristão. Assim que adquiriu uma base cristã, esse festival foi plenamente estabelecido na Europa, com muitos dos seus elementos pagãos intocados” (*A Enciclopédia do Sobrenatural*, Richard Cavendish, editor, 1983, Vol. 2, p. 480, “Natal”).

A celebração vence as Escrituras

Alguns resistiram a esse comprometimento espiritualmente venenoso. “Homens justos se esforçaram para conter essa maré, mas, apesar de todo o esforço, a apostasia seguiu adiante, até que a Igreja, com exceção de um pequeno grupo remanescente, se submergiu na superstição pagã. Que o Natal era originalmente um festival pagão não resta dúvida. A época do ano e as cerimônias com as quais ele ainda é comemorado provam sua origem” (Hislop, p. 93).

Tertuliano tentou dissociar-se da igreja romana, numa tentativa de aproximar-se dos ensinamentos da Bíblia.

Ele não estava sozinho em sua discordância dessas tendências. “Ainda em 245 d.C., Orígenes, em sua oitava homilia sobre Levítico, repudia e classifica como pecaminosa a própria ideia de comemorar o aniversário de Cristo como se Ele fosse um faraó” (*Enciclopédia Britânica*, 11ª edição, vol. 6, p. 293, “Natal”).

O Natal não se tornou um feriado romano até 534 d.C. (ibid.). Foram necessários trezentos anos para que o novo nome e os símbolos do Natal substituíssem os antigos nomes e significados do festival de inverno, a celebração pagã de muitos séculos antes.

Jesus nasceu em dezembro?

A maioria dos estudiosos da Bíblia que escreveu sobre o tema do

nascimento de Jesus tem concluído que, com base em evidências da própria Bíblia, é impossível Cristo ter nascido em qualquer data próxima a 25 de dezembro.

Mais uma vez voltamos ao livro de Alexander Hislop: “Não há uma palavra nas Escrituras sobre o dia exato do nascimento [de Jesus], ou sobre o ano em que Ele nasceu O que está registrado lá implica que a período de Seu nascimento *não poderia* ter sido no dia 25 de dezembro. No tempo em que o anjo anunciou o Seu nascimento aos pastores de Belém, eles estavam alimentando seus rebanhos durante a noite no campo . . . O clima da Palestina . . . de dezembro a fevereiro, é muito frio, e não era o costume dos pastores da Judéia ficarem com seus rebanhos no campo aberto muito *além* do fim de outubro” (Hislop, p. 91, grifo nosso).

Ele passa a explicar que as chuvas de outono, que começam em setembro ou outubro, na Judéia significaria que os eventos que cercam o nascimento de Cristo, registrados nas Escrituras, poderiam ter ocorrido no mais tardar em meados de outubro, assim o nascimento de Jesus provavelmente ocorreu no início do outono (Hislop, p. 92).

Outra evidência que apoia o nascimento de Jesus no outono é que os romanos não eram tolos para escolher o auge do inverno como época de recolhimento de impostos e viagens, mas sim em tempos mais favoráveis. A família de José era de Belém, então ele teve que viajar de Nazaré, na Galileia, para Belém, e como sua esposa Maria, que estava grávida, viajou com ele, então teria sido quase impossível para os dois fazerem essa viagem no inverno.

Isso faz alguma diferença?

Não existe nenhuma razão na Bíblia — e, sem dúvida, nenhuma instrução — para apoiar os mitos e as fábulas do Natal e de Papai Noel. Isso está ligado aos caminhos deste mundo e é contrário aos caminhos de Cristo e de Sua santa verdade. Deus nos diz: “Não aprendam as práticas das nações” (Jeremias 10:2, NVI).

Os cristãos professos deveriam examinar a procedência dos símbolos do Natal e parar de dizer a seus filhos que o Papai Noel e seus duendes, renas e os presentes natalinos têm algo a ver com Jesus Cristo. Pois, sem sombra de dúvida, eles nada têm a ver! Deus odeia a mentira. “Há seis coisas que o Senhor detesta; sim, há sete que ele abomina: olhos altivos, *língua mentirosa*, e mãos que derramam sangue inocente; coração que maquina projetos iníquos, pés que se apressam a correr para o mal; testemunha falsa que profere *mentiras*, e o que semeia contendas entre irmãos” (Provérbios 6:16-19, grifo nosso).

Cristo revela que Satanás, o diabo, é o pai da mentira (João 8:44). Os pais devem dizer aos filhos a verdade sobre Deus e sobre as práticas religiosas contrárias e confusas deste mundo. Se não fizermos isso, simplesmente vamos perpetuar a noção de que é aceitável que os pais mintam a seus filhos.

Será que um cristão professo deve divulgar um feriado pagão
(continua na página 24)

P: **Eu discordo da posição de vocês sobre não celebrar o Natal. Se uma pessoa celebra o nascimento de Jesus em 25 de dezembro com a intenção de adorá-Lo como o Filho de Deus, eu acredito que não estão reverenciando um deus pagão. Deus conhece nossos corações. Adorar a deuses pagãos é pecado, mas usar um simbolismo para auxiliar na compreensão do propósito do Senhor não é contrário ao ensinamento dEle. Deveríamos nos ater ao que nos une ou ao que pode nos dividir?** *Da internet*

R: Nós, *A Boa Nova*, usamos a Bíblia — a Palavra de Deus escrita — como a base de nossos ensinamentos. Por isso, não cabe a nós julgarmos as pessoas — é a Palavra de Deus que faz isso. Observe o que Jesus disse: “A palavra que tenho pregado, essa o julgará no último dia” (João 12:48). A palavra pregada por Jesus é toda a Bíblia, pois Ele foi a Palavra viva por meio de Quem o Pai agiu e falou em tempos do Antigo Testamento.

A nossa posição sobre não celebrar o Natal não é motivada por um espírito de divisão, mas por um forte desejo de *obedecer à Palavra de Deus e estar unidos a Ele*. Nós realmente desejamos compartilhar a bênção de segui-Lo, como Ele quer ser seguido. E, como lerá abaixo, as Suas instruções sobre como adorá-Lo simplesmente não coadunam com o Natal e essas tradições.

Qualquer pessoa que tenha acesso à Internet pode facilmente aprender sobre as origens do Natal e seus costumes associados, como a árvore de Natal, o Papai Noel, o beijo sob o visco e a celebração em 25 de dezembro. Tudo isso não têm nada a ver com o verdadeiro cristianismo bíblico, mas sim com a adoração de outros deuses.

Por exemplo, o site *Witchology.com*, que se apresenta como “um provedor de pesquisa e educação especializada nas áreas de bruxaria, Wicca, paganismo, magia e ocultismo”, diz o seguinte a respeito do Natal:

“Qual é o segredo pagão que o cristianismo tem tentado esconder de você? A verdade sobre o Natal é que ele não é realmente o Natal. Ele é o solstício de inverno, um dia santo pagão observado em todo o mundo, desde os tempos imemoriais das tribos nativas norte-americanas, pelos nórdicos, pelos antigos romanos, e hoje pelos pagãos modernos, bruxas e wicanos”. Os bruxos por detrás desse site estão corretíssimos sobre as origens pagãs do Natal.

Deus ordena que o seu povo, especificamente, para não se misturar ou seguir as práticas religiosas falsas de outras pessoas. Veja Suas instruções claras em Deuteronômio 12:30-31:

“Tenham cuidado para não serem enganados e para não se interessarem pelos deuses delas, dizendo: “Como essas nações servem aos seus deuses? Faremos o mesmo!” Não adorem o SENHOR, o seu Deus, da maneira como fazem essas nações, porque, ao adorarem os seus deuses, elas fazem todo tipo de coisas repugnantes que o SENHOR odeia, como queimar seus filhos e filhas no fogo em sacrifícios aos seus deuses” (O Livro, grifo nosso).

Esta passagem não diz respeito apenas a não sacrificar filhos e filhas aos deuses pagãos. Essa prática era simplesmente um dos piores exemplos dentre todas as coisas abomináveis que faziam as religiões falsas do mundo. Deus nos diz que só devemos fazer tudo o que Ele manda: “Obedeçam a todos os mandamentos que o Senhor ordena através de mim. Não acrescentem, nem tirem

nada deles!” (Deuteronômio 12:32, Bíblia Viva).

Esse assunto é muito sério, e por isso o apóstolo Paulo escreveu: “Quero dizer que o que os pagãos sacrificam é oferecido aos demônios e não a Deus, e não quero que vocês tenham comunhão com os demônios. Vocês não podem beber do cálice do Senhor e do cálice dos demônios; não podem participar da mesa do Senhor e da mesa dos demônios” (1 Coríntios 10:20-22, NVI).

Paulo estava apontando que a origem do culto pagão é o reino demoníaco (comparar Levítico 17:7; Deuteronômio 32:17, Salmo 106:37) e advertindo aos cristãos contra o envolvimento em práticas pagãs, como nas outras escrituras citadas acima.

E como o Natal tem claramente raízes pagãs e os seus símbolos giram em torno do culto aos deuses estrangeiros, então devemos evitar celebrá-lo e nos concentrar nas celebrações sagradas da Bíblia.

Por exemplo, Jesus celebrou a Festa dos Tabernáculos (João 7:2, 8, 14). Alguns pensam que esses dias são apenas para os judeus e argumentam que Ele só os celebrava porque era judeu. Mas em 1 Coríntios 5:8 vemos que até mesmo aos gentios (não judeus) cristãos de Corinto Paulo disse para observarem outra festa bíblica — a Festa dos Pães Asmos. Ele disse: “Celebremos a festa”.

Daqui se pode concluir, logicamente, que uma vez que Cristo e a Igreja no tempo dos apóstolos guardavam essas festas, nós também devemos fazer isso. Se Deus descreveu dias especiais de culto na Bíblia, por que vamos celebrar feriados religiosos de seres humanos, enganados por demônios, e adorar a outros deuses?

Vejamos o assunto por outro ângulo. Imagine uma mulher presenteando o marido pelo seu aniversário. Porém, aquele dia não é o seu aniversário; é o aniversário de um antigo namorado. E o presente é algo que ela já tinha dado a outra pessoa. Seria natural o marido duvidar da autenticidade de seu amor — na verdade, seria um grande insulto! Se você realmente ama alguém e está tentando lhe dar algo que essa pessoa gostaria de receber, então você nunca lhe daria um presente que já foi dado a uma antiga paixão.

Entretanto, o Natal faz *isso e muito mais coisas* com Jesus — supõe honrá-Lo quando, na verdade, essa celebração de aniversário contém elementos que já foram usados anteriormente para honrar a deuses falsos!

Se quisermos honrar a Deus, não podemos presumir ou inventar por nossa própria conta uma maneira que achamos que O honra ou seguir cegamente a tradição comum e corrente. Devemos ler e seguir o que *diz a Sua Palavra*. O Natal (e o Domingo de Páscoa, o Dia da Padroeira, o São João e outros mais), com suas origens e tradições pagãs, simplesmente não se enquadra na vocação dos cristãos, que têm de ser um povo santo e, acima de tudo, seguidor de Deus.



["Natal" continuado da página 22]

e seus símbolos como algo aprovado por Deus ou Cristo? Vamos ver o que pensa Deus sobre pessoas que usam costumes e práticas advindas de religiões falsas para adorar a Ele e a Seu Filho. Encontramos Seu ponto de vista expresso claramente no Antigo e no Novo Testamento.

Deus ordena especificamente a Seu povo para *não fazer* o que os líderes da igreja primitiva fizeram, quando incorporaram práticas idólatras e as rotularam de cristãs. Antes de entrarem na Terra Prometida, Deus deu aos israelitas uma severa advertência: “Guarda-te para que não te enlaces para as seguires [as nações daquela terra]... e que não perguntes acerca dos seus deuses, dizendo: De que modo serviam estas nações os seus deuses? Pois do mesmo modo também farei eu”.

“*Não farás assim para com o SENHOR teu Deus; porque tudo o que é abominável ao SENHOR, e que Ele detesta, fizeram elas para com os seus deuses . . . Tudo o que Eu te ordeno, observarás; nada lhe acrescentarás nem diminuirás*” (Deuteronômio 12:30-32, grifo nosso).

Muitos séculos depois, o apóstolo Paulo viajou e estabeleceu muitas congregações da igreja em várias cidades gentias. Paulo escreveu para os membros da Igreja de Deus em Corinto, uma cidade cheia de idolatria: “Não vos prendais a um jugo desigual com os incrédulos; pois que sociedade tem a justiça com a injustiça? ou que comunhão tem a luz com as trevas? Que harmonia há entre Cristo e Belial? ou que parte tem o crente com o incrédulo? E que consenso tem o santuário de Deus com ídolos? Pois nós somos santuário de Deus vivo...”

“Pelo que, saí vós do meio deles e separai-vos, diz o Senhor; e não toqueis coisa imunda, e eu vos receberei . . . Ora, amados, visto que temos tais promessas, purifiquemo-nos de toda a imundícia da carne e do espírito, aperfeiçoando a santidade no temor de Deus” (2 Coríntios 6:14-17; 7:1).

Em vez de permitir que os membros mudem o nome e celebrem os costumes associados com falsos deuses, Paulo os instruiu, de forma clara, que não podiam ter nada a ver com eles. Ele disse algo semelhante aos atenienses, que estavam mergulhados na idolatria: “Mas Deus, não levando em conta os tempos da *ignorância, manda agora que todos os homens em todo lugar se arrependam*” (Atos 17:30).

Somente Deus tem o direito de decidir os dias especiais em que devemos adorá-Lo. Jesus Cristo nos disse que “Deus é Espírito, e é necessário que os que O adoram O adorem *em espírito e em verdade*” (João 4:24). Não podemos honrar de verdade a Deus com as práticas falsas advindas do culto aos deuses fictícios ou a demônios que se disfarçam de deuses.

Jesus disse: “Este povo honra-me com os lábios; o seu coração, porém, está longe de mim; mas em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens” (Marcos 7:6-7). Para Deus não há substitutos aceitáveis. Independente de os cristãos acharem que é correto observar o Natal. Deus não é diversão ou prazer.

Agora você tem o conhecimento de como honrar ao Deus Todo-Poderoso, que nos criou, nos resguarda e nos dá a vida eterna. Será que agora você vai honrar a Deus ou vai continuar seguindo as tradições da humanidade? **BN**

PARA SABER MAIS



O quanto você sabe sobre as origens do Natal e de suas práticas estranhas? O que coisas como azevinho, visco, árvores decoradas e um homem de casaco vermelho (andando em um trenó puxado por renas voadoras) tem a ver com a vinda do Filho de Deus? Você precisa saber as respostas! Baixe ou solicite sua cópia gratuita do guia de estudo bíblico Feriados Religiosos ou Dias Santos: Será Que Importa Quais Dias Observamos?

<http://portugues.ucg.org>

Como surgiu o Papai Noel?

Como o “Santa” [Papai Noel] entrou em cena? Porque essa figura mítica está tão ligada ao Natal? Muitos livros também foram escritos para elucidar as origens desse personagem popular.

“Santa Claus” [Papai Noel] é uma adulteração norte-americana do temo holandês *Sinterklaas* ou *Sint Nicolaas*, um personagem trazido aos Estados Unidos pelos primeiros colonos holandeses (ver *Enciclopédia Britânica*, 11ª edição, vol. 19, p. 649, “Nicholas, St.”). Este nome, por sua vez, diz-se que vem de São Nicolau, bispo da cidade de Mira, no sul da Ásia Menor, um santo católico adorado por gregos e latinos no dia 6 de dezembro.

Ele era bispo de Mira no tempo do imperador romano Diocleciano, e foi perseguido, torturado por causa da fé católica e mantido em prisão até o reinado mais tolerante de Constantino (ibid.). Várias histórias fazem uma ligação do Natal a São Nicolau, todas têm a ver com o ato de dar presentes na véspera do dia de São Nicolau, que, posteriormente, foi

transferido para o dia do Natal (ibid.).

Mas, como um bispo da costa ensolarada do Mediterrâneo da Turquia foi associado a um homem de roupas vermelhas, que vive no Polo Norte, e passeia em um trenó puxado por renas voadoras? Diante do que já aprendemos sobre as antigas origens pré-cristãs do Natal, não devemos ficar surpresos ao saber que Papai Noel também nada mais é do que um personagem reciclado de antigas crenças pagãs.

Os adornos do Papai Noel — a roupa vermelha, o trenó e renas — revelam que sua origem advém dos climas frios do Extremo Norte. Algumas fontes encontraram traços dele nos antigos do norte europeu, Woden (ou Odin) e Thor, onde os dias de quarta-feira (dia de Woden) e quinta-feira (dia de Thor) receberam deles seus nomes (*Quatro Mil Anos de Natal*, Earl e Alice Count, 1997, pp. 56-64). Outras fontes encontraram traços ainda mais longe no tempo, na época do deus romano Saturno e o deus grego Sileno (*A História de Santa Klaus*, William Walsh, pp. 70-71).



A ameaça da Imigração

A onda de imigrantes não assimilados levou ao aumento do perigo de estrangeiros às nações ocidentais. Como devemos abordar esse assunto e o que está por vir?

por Tom Robinson

No final de julho 2016 houve uma série de ataques na Alemanha perpetrados por islamistas — que entraram no país como refugiados — e isso acarretou novas críticas à política de imigração alemã. “A preocupação quanto à capacidade da Alemanha de lidar com a enxurrada de mais de um milhão de solicitações de asilo político, registrados [a maior parte advindo da crise na Síria] no ano passado se deve ao fato do surgimento de uma série de agressões sexuais e roubos na cidade de Colônia durante as celebrações do Ano Novo”. Desde então, a violência tem se encrudescido (agência Associated Press, 25 de julho) — na França, Bélgica e também em outros lugares.

O plebiscito britânico que resultou na saída do país da União Europeia foi motivado em parte pela preocupação com as políticas de imigração e da abertura das fronteiras. Muitos perceberam que o multiculturalismo não se traduzia apenas numa mistura de povos, mas em uma fragmentação da sociedade, onde haveria o aumento de redutos e guetos estrangeiros hostis à nação anfitriã.

Como resultado desse clamor público, as fronteiras da Europa voltaram a ser mais controladas, “levando os migrantes a desviar o foco para os Estados Unidos, mas sua jornada está sendo frustrada na América Central, onde se formou um gargalo”, em que muitos africanos, haitianos, afegãos e paquistaneses ficam esperando para seguir para o norte (AFP, 23 de julho).

Evidentemente, os Estados Unidos têm lidado com problemas de imigração há muito tempo, incluindo os pedidos de abertura das fronteiras. Nas últimas décadas, a composição nacional desses migrantes mudou dramaticamente. E, após os ataques de 11 de

setembro de 2001, aumentou o medo de terroristas entrarem nos Estados Unidos como imigrantes.

Tudo isso representa uma séria ameaça aos países ocidentais. Como advertiu o ex-presidente Ronald Reagan: “Uma nação que não pode controlar as suas fronteiras não é uma nação” — pelo menos em termos de Estado-nação. Jan Brewer, ex-governador do Arizona, que lidou com muita imigração ilegal, ecoou: “Uma nação sem fronteiras é como uma casa sem paredes — ela desmorona. E isso vai acontecer com nosso maravilhoso país”.

Na atual corrida presidencial norte-americana, o governador da Louisiana e o outrora candidato presidencial republicano Bobby Jindal se manifestaram contra a imigração sem restrições e o multiculturalismo, dizendo: “Vamos ser honestos sobre isso: *Imigração sem assimilação não é imigração; é uma invasão* . . . Quando você olha para o que está acontecendo na Europa, você vê que imigrantes da segunda e terceira geração não se consideram partes daquelas sociedades, culturas e princípios. Não podemos deixar isso acontecer aqui” (site Breitbart News, 04 de novembro de 2015, grifo nosso).

Além disso, o candidato presidencial republicano, Donald Trump, “trouxo à tona essa questão da imigração ilegal em sua campanha . . . e ele tem comentado isso de maneira nervosa e efusiva . . . e para tristeza de ambos os partidos, republicano e democrata, a mensagem de Trump ganhou repercussão” (Monette Maglava, Asian Journal, 24 de novembro de 2015). Trump até disse que toda imigração de muçulmanos deve ser barrada, até que possam ser devidamente examinados.



Certamente, precisamos prestar atenção ao cenário político quanto à questão da imigração. E ainda mais importante, precisamos saber o que a Bíblia nos diz sobre esse assunto, tanto em termos de abordagem quanto suas consequências no panorama nacional e mundial.

O impacto devastador sobre a sociedade europeia

O comentarista político conservador e ex-candidato a presidente Patrick Buchanan diz o seguinte sobre a migração em massa da África e do Oriente Médio para a Europa:

“Com as baixas taxas de natalidade e com um povoamento dos continentes abaixo dos níveis de reposição, que vem ocorrendo há décadas, a Europa está envelhecendo, encolhendo e morrendo, enquanto tem sido invadida e transformada para sempre. Os otimistas assinalam que os Estados Unidos absorveram quinze milhões de migrantes que chegaram com a grande onda imigratória de 1890 a 1920. Mas eles ignoram as diferenças. Estes imigrantes eram europeus de nações cristãs, que vieram a um país com um histórico de assimilação. Mas esse grande fluxo se deteve em 1924, por quase quarenta anos...”

“Ao contrário dos Estados Unidos, a Europa [moderna] nunca lidou com imigração em massa. E aqueles migrantes que têm inundado a Europa são árabes, africanos e muçulmanos, e não são cristãos ou judeus europeus. Eles vêm de outras civilizações e culturas. E eles não têm sido assimilados, mas criaram redutos na Europa que simulam as terras de onde vieram” (“A Europa Vai Conseguir Sobreviver A Essa Invasão?”, 09 de novembro de 2015).

E isso levou a sérias consequências. Na Suécia, quarenta anos depois de aceitarem o multiculturalismo, “o crime violento aumentou 300% e os estupros 1.472%. Atualmente, a Suécia está em segundo lugar na lista global de estupros, superado apenas por Lesoto, no Sul de África” (Ingrid Carlqvist e Lars Hedegaard, “Suécia: Capital dos Stupros do Ocidente”, Instituto Gatestone, 14 de fevereiro de 2015). Tentaram explicar isso, dizendo que houve mudanças nos relatórios da polícia, mas isso não justifica esse aumento absurdo.

Como isso foi tolerado? Salim Mansur escreve no site *American Thinker* que a política imigratória de portas abertas e o multiculturalismo são “baseados na ideia falsa de que todas as culturas são iguais e, portanto, merecem respeito e tratamento iguais” e “também pode ser encarados como a resposta das democracias ocidentais impelidas por um sentimento de culpa pelos erros do passado. Esse sentimento de culpa é exclusivamente um fenômeno ocidental...”

“O filósofo e político francês Jean-François Revel observou: ‘a civilização democrática é a primeira na história a culpar-se a si mesma, pelo fato de outro poder estar tentando destruí-la... O que a distingue é a sua vontade de acreditar em sua própria culpa e... seu zelo na elaboração de argumentos para justificar o caso de seu adversário e alongar a já enorme lista de suas próprias deficiências’” (“O Brexit e o Multiculturalismo”, 26 de junho de 2016).

A democracia liberal ocidental também tem facilitado essa mudança na Europa. Mike Gonzalez, da Fundação Heritage, cita o ex-chanceler da Alemanha Ocidental Helmut Schmidt ao afirmar: “As sociedades multiculturais só têm... funcionado serenamente em estados autoritários. Desse modo, foi um erro trazermos trabalha-



Fotos, do cimo: Refugiados sírios dormem no chão de uma estação ferroviária na Hungria; Refugiados sírios e iraquianos chegam à ilha grega de Lesbos vinda da Turquia; Refugiados na Hungria marcham para a fronteira austríaca no final de 2015. Ao contrário da forma como os imigrantes foram descritos na cobertura da mídia - como famílias de refugiados - a maioria eram jovens homens de idade militar, como mostrado nestas fotos. Superior direito: Um manifestante latino segura um sinal que lê "agora é nosso tempo" num protesto que exige reforma da imigração em Washington, D.C.

dores de culturas estrangeiras para nosso país no início da década de 1960” (site *The Daily Signal*, 25 de novembro de 2015).

Isso foi o que afirmou o falecido colunista Samuel Francis em seu livro *O Fim dos Estados Unidos: A Imigração Massiva e a Desintegração da Cultura Americana*. Ele escreve: “Praticamente todas as sociedades ‘multiculturais’ e ‘multirraciais’ da história humana tiveram governos autoritários — os impérios da antiguidade, como os dos Habsburgos e dos Romanovs de períodos mais recentes, que foram descritos como ‘nações-prisões’ — ou tiveram um interminável ciclo de governos instáveis” (2002, p.19). Com o aumento do terrorismo, a rígida disciplina desses regimes está começando a atrair mais pessoas na Europa.

O abandono da assimilação norte-americana

Por muito tempo, os Estados Unidos foram mais bem sucedidos na assimilação de imigrantes do que a Europa. Na verdade, George Washington usou a termo “assimilado” nesse contexto — e isso estava sendo amplamente adotado até agora.

Noutro artigo, Mike Gonzalez apontou que quando um grande número de imigrantes veio através da Ilha Ellis, na virada do século passado, “eles encontraram o que na época era chamado — simplesmente, e sem ironia ou preocupação — de programa de americanização. Realmente, eles ensinavam a amar seu novo país... Hoje, nossas elites estão bastante ‘sofisticadas’ para promover a americanização” (“O Método dos Estados Unidos Para Assimilação de Imigrantes”, site The Federalist, 12 de janeiro de 2016).

É evidente que ajudou que os antigos imigrantes não eram tão marcadamente diferentes como os de agora. Uma revisão do livro de Dr. Francis sobre a imigração em massa “assinala que o caldeirão cultural [a mistura de culturas] só foi possível, em primeiro lugar, porque o que foi misturado não era tão diferente. Ou seja, até recentemente, a imensa maioria dos imigrantes tinha uma grande semelhança com as pessoas daqui: brancos, de maioria cristã, e com costumes, instituições e tradições europeias”.

“E como demonstraram ser bastante homogêneos, não é tão surpreendente o fato de eles terem formado uma nação que manteve sua homogeneidade até recentemente. Infelizmente, essa homogeneidade não existe mais. A maioria de nossos imigrantes recentes é radicalmente diferente da população dos Estados Unidos, de modo que a assimilação se torna muito mais difícil” (John Attarian, “A Imigração Sem Assimilação: Uma Fórmula Para a Desapropriação”, *O Contrato Social*, Primavera de 2004).

Um bom exemplo da falta de assimilação é o fato de muitos hispânicos e outros imigrantes não saberem falar inglês. Em algumas cidades, as escolas públicas têm de ensinar os estudantes dezenas de idiomas — isso representa uma despesa financeira desnecessária e extremamente cara para as escolas e os contribuintes.

A grande mudança na política de imigração

A grande mudança na imigração nos Estados Unidos veio com o falecido senador democrata Ted Kennedy, que foi o precursor no Congresso da emenda à Lei de Imigração e Nacionalidade de 1965. Como relata o site Breitbart News: “Essa legislação resultou na transformação fundamental do panorama demográfico, econômico, social e político da nação, exatamente o oposto do que prometiam os seus apoiadores. A lei Kennedy de imigração aboliu o sistema de origens de quota nacional, que favorecia imigrantes de nações com uma herança similar a nossa, e permitiu a emissão de vistos de imigração para todo o mundo”.

“Enquanto cerca de nove em cada dez imigrantes que vieram para os Estados Unidos nos séculos dezenove e vinte eram oriundos da Europa, a lei de 1965 inverteu esse cenário. Hoje, cerca de nove em cada dez imigrantes novos que entram no país com *green cards* vem da América Latina, África, Ásia ou Oriente Médio... Em 1965, de acordo com o instituto Pew Research, o país tinha uma população de 84% branca, 11% negra, 4% hispânica e menos de 1% asiática. Em 2015, como resultado da lei de imigração Kennedy, a população do país agora é composta de 62% brancos, 12% negros, 18% hispânicos e 6% asiáticos”.

“O instituto projeta que em quarenta anos, nenhum grupo racial ou étnico irá constituir a maioria da população dos Estados Unidos, com a perspectiva de os brancos se tornarem menos da metade da população do país em 2055” (“Os Estados Unidos de Ted Kennedy: Cinquenta Anos Depois da Lei Que Mudou Tudo”, 03 de outubro de 2015).

O motivo dessa mudança se deve em parte à oposição liberal aos valores enraizados na nação da herança branca europeia. Mas o outro objetivo era trazer imigrantes pobres para aumentar o número de pessoas dependentes do governo — e dos políticos, que supostamente iriam resolver seus problemas. “Parafrazeando Emma Lazarus: Dê-me seus carentes, seus pobres, sua massa de necessitados para eu transformá-los em um reduto de eleitores leais



"Vamos ser honestos sobre isso: Imigração sem assimilação não é imigração; é uma invasão".

a um partido político” (Charlotte Hays, “A Europa Está Cometendo Suicídio — Os Estados Unidos Estão Seguindo o Mesmo Caminho”, Fórum de Mulheres Independentes, 29 de março de 2016).

O termo *assimilação* há muito tempo foi deixado de lado, sendo substituído pela palavra *integração*. Ser *integrado* significa que os imigrantes são feitos parte do país, porque o país faz acomodações *para eles*. Por exemplo, nos EUA isso significa providenciar tudo em espanhol, e por isso nem precisam aprender inglês. Os imigrantes nem sequer precisam se tornar norte-americanos. Uma pesquisa realizada pelo instituto Pew Research descobriu que mais da metade dos jovens hispânicos (menores de quarenta anos de idade) não se identificam como norte-americanos. E isso alcança até mesmo a segunda e terceira geração de hispânicos nascidos nos Estados Unidos.

Naturalmente, no momento, o maior problema é o risco de terroristas inimigos se infiltrarem entre os imigrantes para destruírem os nossos países — como tem sido o caso na Europa. O escritor e ex-subprocurador dos Estados Unidos, Andrew McCarthy, assinala que apenas um processo de análise para identificar terroristas não é suficiente, pois aqueles aptos a se tornarem jihadistas se decidem depois de emigrarem: “Nós encontramos dois elementos necessá-



rios: (1) uma mente propícia ao jihadismo por já estar mergulhada na supremacia islâmica e (2) uma comunidade mulçumana enraizada na sharia, que apoia o jihadismo e mostra implacavelmente o Ocidente como sendo corrupto e hostil. As nossas políticas atuais de refugiados promovem ambos os fatores” (site National Review, 28 de novembro de 2015).

Uma avaliação bíblica

Acima de tudo, devemos considerar o que as Escrituras têm a dizer sobre a imigração, as fronteiras e a assimilação ou não. Abraão, o pai dos fiéis, foi um migrante que se mudou da Mesopotâmia para Canaã e por um tempo foi para o Egito. Seu neto Jacó, que teve seu nome mudado para Israel, viveu um tempo ao norte da Síria e, mais tarde, mudou-se com sua família para o Egito.



Jovens machos sírios atacam uma estação ferroviária húngara exigindo trânsito para a Alemanha no final de 2015.

Os ocidentais estão financiando a sua própria destruição via tributação, e pagando pela invasão de seus territórios, pela diluição de sua cultura.

Seus descendentes se tornaram um povo oprimido e escravizado no Egito antes de serem libertados no Êxodo, quando eles saíram acompanhados por uma “grande mistura de gente” (Êxodo 12:38).

Deus permitiu claramente que pessoas de outras etnias vivessem entre os israelitas — e, depois, Ele permitiu estrangeiros se estabelecessem entre eles. Na verdade, Deus ordenou que os estrangeiros não fossem maltratados ou privados de justiça, de caridade e de hospitalidade, e que os israelitas deviam amar aos estrangeiros residentes como a si mesmos — lembrando-os que eles mesmos foram estrangeiros no Egito (Êxodo 22:21; Levítico 19:9-10, 33-34; 23:22; 24:16, 22). Davi e Salomão empregaram mão de obra estrangeira, pois tinham especialistas estrangeiros na construção do templo de Deus e imigrantes no exército de Israel.

Por outro lado, as Escrituras não promovem um mundo sem fronteiras, a imigração totalmente irrestrita e o multiculturalismo sem assimilação. Deus fez com que as pessoas se espalhassem e formassem grupos étnicos quando confundiu as línguas na Torre de Babel (Gênesis 11). Ele estabeleceu os limites dos povos (Deuteronômio 32:8) e definiu expressamente as fronteiras nacionais e tribais.

Ele mesmo vai definir essas fronteiras no tempo em que Jesus Cristo governará sobre todas as nações no futuro (ver Ezequiel 47-48). E Ele adverte contra a remoção dos marcos fixados (Deuteronômio 19:14; Provérbios 22:28) — isso denota reivindicações territoriais de famílias e, num sentido mais amplo, também de nações.

Além disso, os imigrantes não foram reconhecidos imediatamente como israelitas — pois foi necessário se enraizarem ao longo das gerações. E a exigência não era a mesma para todos os estrangeiros. Por terem maltratado Israel, os amonitas e os moabitas não deveriam ser considerados parte de Israel até chegarem à décima geração, enquanto os edomitas e os egípcios poderiam ser considerados como tal na terceira geração (Deuteronômio 23:3-8). (Vemos os casos de Raabe de Canaã e Rute de Moabe que se casaram para dentro do povo israelita — e se tornaram antepassados de Jesus Cristo).

No entanto, aqueles que tiveram igualdade de proteção perante a lei — o mais relevante para a nossa situação atual — deveriam ser *assimilados sob as mesmas leis e costumes*.

Deus disse aos israelitas: “*Uma mesma lei e uma mesma ordenança haverá para vós e para o estrangeiro [ou imigrante] que peregrinar convosco*” (Números 15:16; ver versículos 15, 29; Êxodo 12:49; Levítico 24:22). Esperava-se que os estrangeiros se adaptassem à cultura de Israel, e não ao contrário. Os imigrantes tinham de obedecer todas as leis de Deus, inclusive a observância do Sábado (Êxodo 20:10), das Festas de Pentecostes e Tabernáculos (Deuteronômio 16:11, 14), o jejum no Dia da Expição (Levítico 16:29) e oferecer sacrifícios pelos pecados (Números 15:27-29).

Em um contexto moderno, redutos locais da lei sharia estariam fora de questão! Um modelo como o que Deus deu a Israel iria evitar muitos dos problemas que vemos com a imigração ao Ocidente. Islamitas ou outros que buscam perpetuar elementos culturais anti-bíblicos não chegariam a formar uma sociedade, pois saberiam que isso não seria permitido.

(Para mais informações sobre como os cristãos devem ver esse problema, leia “*Uma Perspectiva Cristã Sobre os Imigrantes*” na página 29).

Uma imprescindível perspectiva do futuro

É importante manter uma perspectiva adequada ao ver esses eventos e tendências mundiais perturbadores. Parte dessa perspectiva tem a ver com a verdadeira identidade dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha e de outras nações do noroeste europeu.

Precisamos entender que a migração dos antigos israelitas não acabou na Terra Prometida. Pois, mais tarde, eles foram levados cativos pelos assírios e depois migrados para o noroeste longínquo, e se estabelecendo no noroeste da Europa. As nações que emergiram ali são israelitas — principalmente, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos, que descenderam em grande parte dos filhos de

Uma Perspectiva Cristã sobre os Imigrantes

Os próprios cristãos devem reconhecer que são estranhos no meio desta cultura ocidental e de toda a sociedade humana — *somo cidadãos de um reino futuro*. Ao lidar com imigrantes, devemos seguir a regra de ouro, que é tratar os outros como gostaríamos de ser tratados (Mateus 7:12). E as instruções para sermos hospitaleiros com os imigrantes continuam valendo.

No entanto, isso não significa que devemos apoiar e aceitar qualquer imigração — ilegal ou mesmo legal, que subvertam a moralidade e a cultura aceitável. Nossa prática como estrangeiros é seguir as leis da terra, desde que não contrariem as leis de Deus (Romanos 13). E o fato de não pudermos obedecer as leis que contradizem as leis de Deus (Atos 5:29) nunca significa prejudicar as pessoas ao nosso redor, como alguns imigrantes — principalmente, jihadistas islâmicos — procuram fazer. Mesmo quando há conflitos com as leis e tradições da sociedade em volta, nossa anuência às leis de Deus é feita de forma pacífica (Romanos 12:18).

Ao considerar a questão da imigração, devemos demonstrar muita simpatia para com aqueles que simplesmente procuram uma vida melhor para si e para suas famílias — e ser acolhedor até mesmo com os que não estão assimilando. Nunca devemos ser racistas, pois nosso próprio Deus não é (Atos 10:34-35). Também não devemos ser etnocentristas, e sim promover a superioridade da moral bíblica e da liberdade. É bom ser patriota

(ter amor por seu país), mas nunca chauvinistas ou nacionalistas e nem desdenhar os outros, onde não há nenhum problema de moralidade.

Ainda assim, devemos reconhecer que as culturas mais estreitamente alinhadas com o ensinamento bíblico são superiores às outras em importantes aspectos. O professor de economia Walter Williams escreveu: “Pergunte a um defensor da diversidade e do multiculturalismo: A mutilação genital feminina forçada, praticada em quase trinta países da África subsaariana e do Oriente Médio, é um valor cultural moralmente equivalente?”

Nunca devemos ser racistas. Mas devemos reconhecer que algumas culturas são mais desenvolvidas que outras em importantes aspectos.

A escravidão é praticada no norte do Sudão. Na maior parte do Oriente Médio, as mulheres sofrem muitas limitações, tais como proibições de dirigir, de ter emprego e educação . . . Tudo isso são valores culturais moralmente equivalentes aos do Ocidente?” (“Multiculturalismo: Um Conceito Falido”, site CNSNews, 29 de junho, 2016).

Infelizmente, esses valores estão fazendo incursões ao Ocidente através da imigração e do aumento de comunidades islâmicas — e estão em conflito direto com as normas e os valores divinos.

José, Efraim e Manassés. (Para saber mais, leia nosso guia de estudo bíblico *Os Estados Unidos e a Inglaterra na Profecia Bíblica*).

Satanás quer ver as nações israelitas destruídas — e reduzir a nada as promessas e as profecias de Deus. Na verdade, muitos desses eventos são autodestrutivos e completamente irracionais, por isso precisamos reconhecer a ação de forças espirituais malévolas que estão além da simples compreensão humana.

Veja que, como disse um escritor, *os ocidentais estão financiando a sua própria destruição*: “Basta imaginar isso por um segundo. As pessoas estão sendo forçadas através de impostos e sendo ameaçadas de punição, alguns dizem que odeiam o crime e a propaganda enganosa, *mas estão tolerando e pagando pela invasão de seus territórios, pela diluição de sua cultura e por seu próprio eventual êxodo e substituição*”.

“Antigamente, os territórios só podiam ser adquiridos através da guerra, com um elevado preço pago com sangue e dinheiro. Hoje em dia não é mais assim, porque o multiculturalismo supre a necessidade de os invasores lutarem por territórios. *O encargo financeiro da conquista é repassado aos vencidos, que estão sendo forçados por seus próprios governos a se render*” (Christopher Green, “Como o Multiculturalismo Está Corrompendo a Identidade dos Povos”, site Liberty GB, 04 de julho de 2016).

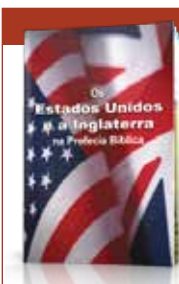
À medida que as pessoas veem a falha da política de fronteiras abertas e o multiculturalismo na Europa, elas pedem cada vez mais por mudança. Mas o que vai acabar com isso não é a uma devida mudança. Pelo contrário, será algo totalitário que já regeu as culturas mistas no passado.

Já estamos vendo os europeus se voltarem cada vez mais para a extrema direita. E, de fato, a Bíblia predisse que uma terrível

ditadura irá surgir na Europa — em parte por causa de uma reação às ameaças do sul. Será que estamos vendo o começo de uma reação contra a utopia multicultural que atualmente desembarcou na Europa?

Pat Buchanan concluiu a sua peça com estas palavras de advertência: “Será que uma civilização pode sobreviver à substituição de pessoas de outras raças, religiões e civilizações? Pergunte isso aos norte-americanos nativos. Será que a Europa vai continuar sendo Europa se for povoada por árabes, muçulmanos, asiáticos e africanos? O que vai manter a Europa unida? O livre comércio? . . . Um dia, em breve, uma voz se levantará do outro lado do Atlântico pedindo o fim dessa invasão, pela força se necessário, e vai declarar: ‘Deixe a Europa ser Europa’”.

A crescente crise migratória é apenas uma das muitas tendências geopolíticas que estão moldando o nosso mundo e que vão conduzir a um tempo de conflito global sem precedentes antes do retorno de Jesus Cristo. Continue a ler *A Boa Nova* para entender o que significam esses eventos e tendências. E esteja sempre em alerta. Tempos sombrios estão se aproximando. **BN**



PARA SABER MAIS

O mundo está-se transformando perigosamente diante de nossos olhos. O que está acontecendo? Você precisa entender! Faça o download ou solicite o nosso guia de estudo gratuito "*Os Estados Unidos e a Inglaterra na profecia Bíblica*".

<http://portugues.ucg.org>



A liberdade medida pela segurança

Em setembro deste corrente ano, um homem colocou bombas em vários locais de Nova Jérsei e Manhattan. Após a coleta de impressões digitais, a polícia usou o sistema de alerta de telefone celular para identificar as conversas do principal suspeito. E surgiu uma pista, então o suspeito foi capturado depois de um tiroteio. Alguns policiais ficaram feridos, mas o homem foi finalmente capturado.

Na sequência dessa situação, em outras grandes cidades norte-americanas, a polícia começou a fazer um apelo aos cidadãos para que cooperem mais e passem a relatar qualquer atividade suspeita.

Uma parte importante de manter as liberdades usufruídas nos países ocidentais é a não abusar dessa liberdade. Com o aumento do número de indivíduos que cometem atos terroristas, a liberdade que conhecemos está sendo questionada. O valor da liberdade começa a ser medido em relação ao valor da segurança.

Muitas nações ocidentais tiveram décadas de relativa paz interna. A imigração e disseminação de ideias contra as liberdades ocidentais levantam uma questão: Qual é o valor da liberdade quando um indivíduo sozinho pode causar tanto mal?

O apóstolo Paulo predisse que os últimos dias seriam “terríveis” (2 Timóteo 3:3, NVI). “Será que essa crueldade vai nos custar a liberdade?” (Fonte: *Jornal The Wall Street*).

Os homens-bomba e a promessa do paraíso

Para as mentes ocidentais o derramamento de sangue e a destruição perpetrada quase diariamente na Síria são incompreensíveis. As pessoas olham aturdidas as reportagens do caos e imagens das cidades bombardeadas e crianças órfãs. “Como seres humanos podem fazer isso a outros?”, perguntam ao discordar da mentalidade que permite esse tipo de violência.

O que está por detrás do pensamento jihadista?

Em seu artigo para o site Real Clear World, o professor Ronald Tiersky explica os fundamentos religiosos do terrorismo islâmico radical:

“A morte, na mente do combatente do Estado Islâmico, não é o fim da vida. É o caminho para uma vida eterna de felicidade no céu, para um paraíso descrito em termos muito extravagantes e sensuais em certos escritos muçulmanos, e que são aceitos como uma verdade literal. O próprio Alcorão tem muito disso, e muitos mais são encontrados no Hadith, que são comentários sobre o



Alcorão que pretendem explicar integralmente o que [o] Profeta Muhammad disse sobre vários assuntos. Para um fundamentalista islâmico, o céu é um lugar real, um jardim cheio de prazeres sensuais” (“Arma Mortal do Estado Islâmico é o Conceito do Paraíso”, 19 de setembro de 2016).

A guerra contra o terrorismo não é uma guerra tradicional de um país contra o outro. É uma guerra de ideias e crenças. As filosofias que desvalorizam a vida humana e levam as pessoas a cometerem atrocidades têm uma dimensão espiritual que, muitas vezes, é ignorada ou mal interpretada.

O apóstolo Paulo deixou claro que essas batalhas são contra o autor dessas mentiras, Satanás, o diabo, e seus servos demoníacos:

“Pois não é contra carne e sangue que temos que lutar, mas sim contra os principados, contra as potestades, conta os príncipes do mundo destas trevas, contra as hostes espirituais da iniquidade nas regiões celestes” (Efésios 6:12). É importante lembrar isso para compreender o que está realmente por trás das trágicas manchetes do mundo de hoje. (Fonte: *Real Clear World*).

A Coreia do Norte continua testando mísseis

Em setembro, a Coreia do Norte realizou outro teste nuclear. Muitos países já impuseram sanções à Coreia do Norte por seus quatro testes anteriores, e parece que virão ainda mais sanções para tentar desencorajar o seu programa nuclear.

Um artigo da agência *Reuters* resumiu assim essa situação: “Os Estados Unidos disse que iriam agir com os parceiros para impor novas sanções, e exortou a China a usar sua influência como principal aliado da Coreia do Norte para pressionar Pyongyang a acabar com seu programa nuclear” (“O Teste Nuclear da Coreia do Norte Exige Mais Sanções dos Estados Unidos”, Jack Kim e Michelle Nichols, 09 de setembro de 2016).

Entretanto, não parece que o líder norte-coreano Kim Jong Un vá permitir que qualquer ação punitiva detenha seu avanço no sentido de tornar a Coreia do Norte uma potência nuclear.

“A Coreia do Norte, que considera a Coreia do Sul e os Estados Unidos como seus principais inimigos, disse que seus cientistas e técnicos realizaram um teste de explosão nuclear utilizando a potência de uma ogiva nuclear, de acordo com a sua agência de notícias oficial KCNA” (ibid.).

Sem dúvida, é fácil ficar com medo quando vemos o que está acontecendo no mundo. O medo de guerra, de perigos e do desconhecido é comum para o homem. Por isso, é assustador ouvir sobre nações corruptas e suas aspirações nucleares. Mas Deus não quer que vivamos a vida com medo. Ele predisse que o tempo do fim será uma época de grande dificuldade, mas que, enfim, Ele vai estabelecer o Seu reino — é um reino de paz que permanecerá para sempre.

Agora é a hora de ser treinado na fidelidade e na justiça. Deus nos dá a profecia para nos ajudar a ter fé. Quando vemos os eventos mundiais se alinhando com a Palavra de Deus, mas não temos o que temer. Fiquemos encorajados ao saber que, enfim, todas as coisas estão sob a autoridade de Deus. Nada de medo — Ele está no controle. (Fonte: *Reuters*).

Os assassinatos retaliatórios intimidam os críticos do Islã

Depois do assassinato do cineasta holandês Theo van Gogh, em 2004, por um muçulmano radical holandês de ascendência marroquina, temos visto um aumento do medo de criticar publicamente as crenças ou cultura islâmicas. O filme de Van Gogh, *Submissão*, tinha como objetivo mostrar como as mulheres eram tratadas pelo Islã, e isso lhe custou a vida.

E mais recentemente, a revista satírica francesa *Charlie Hebdo* viu radicais islâmicos invadirem seu escritório e assassinarem doze pessoas no dia seguinte à publicação de uma série de desenhos ofensivos, que caracterizam Muhammad. Agora, um escritor cristão jordaniano foi assassinado em circunstâncias semelhantes.

“Um homem armado matou a tiros o escritor jordaniano Nahed Hattar no domingo [25 de setembro] do lado de fora do tribunal, onde ele estava para ser julgado pela acusação de desacato à religião depois de compartilhar nas redes sociais uma caricatura tida como insulto ao islamismo” (“Escritor Cristão Que ‘Insultou o Islã’ Foi Assassinado na Jordânia”, jornal *The Jerusalem Post*, 25 de setembro de 2016).

Enquanto que nos Estados Unidos e outras nações ocidentais,



a liberdade de expressão dá a uma pessoa o direito de criticar qualquer grupo, desde que dentro da razoabilidade, a violência retaliatória tem criado uma atmosfera onde pessoas e grupos estão com medo de escrever até mesmo críticas fundamentadas e respeitadas.

No entanto, é responsabilidade da Igreja divulgar princípios divinos e apontar onde uma sociedade ou cultura — qualquer cultura — não cumpre as normas de Deus. Não devemos ceder aos objetivos dos terroristas e sucumbir ao medo, nem devemos ceder às pressões da sociedade e perder a coragem de pregar sobre o evangelho do Reino de Deus e Suas leis. Como escreveu o apóstolo Paulo: “Porque não me esquivei de vos anunciar todo o conselho de Deus” (Atos 20:27). A *Boa Nova* e sua instituição patrocinadora, a Igreja de Deus Unida, estão empenhadas em fazer a mesma coisa. (Fonte: *The Jerusalem Post*).

O partido de Putin vence novamente as eleições: Mais fraudes eleitorais?

Na Rússia, o partido de Vladimir Putin foi recentemente reeleito, conforme relatado pelo serviço de transmissão alemã Deutsche Welle: “O resultado oficial da eleição parlamentar na Rússia no domingo [18 de setembro], não surpreendeu a ninguém: o partido do presidente Vladimir Putin, Rússia Unida, agora é maioria na Duma [o parlamento russo]” (“Opinião: Varrer a Fraude Eleitoral da Rússia”, Ingo Mannteufel, 19 de setembro de 2016).

O comparecimento às urnas foi baixo (apenas 48%), isso demonstra que a apatia na Rússia acerca da democracia é cada vez maior. A agência *Reuters* relatou um pouco dessas atividades suspeitas: “Na capital de Ufa, na região de Bashkortostan, nas colinas dos Urais, os repórteres da Reuters contaram que 799 eleitores votaram na zona de votação número 284. Quando os votos oficiais foram computados no final do dia, eles disseram que o comparecimento foi 1689 eleitores” (“Eleitores Fantasmas e Cédulas Clandestinas Sugerem Fraude Eleitoral na Eleição Russa”, Olga Sichkar, Jack Stubbs e Gleb Stolyarov, 20 de setembro de 2016).

A liderança corrupta prejudica a todos. A reportagem de capa da última edição de *A Boa Nova* foi sobre a liderança e a triste situação em que o mundo se encontra quanto à corrupção.

O profeta bíblico Miquéias lamentou o estado moral das coisas em sua época: “No país inteiro não há uma só pessoa honesta, nem uma que obedeça a Deus. Todos estão procurando matar os outros; cada um procura pôr o seu patrício na cadeia. Todos estão prontos para fazer o que é mau. Autoridades exigem dinheiro por fora, e juízes recebem presentes para torcer a justiça. Os poderosos contam como vão satisfazer os seus maus desejos. Todos planejam fazer coisas más” (Miquéias 7:2-3, BLH).

A liderança corrupta não é novidade em nosso mundo, mas a globalização das economias tem conectado os países, algo impossível no passado. O mundo precisa de líderes justos (Provérbios 29:2), e não os que vemos no cenário mundial de hoje. O governo pacífico de Deus dará início a um novo estilo de governança, justa e honesta. Junte-se a nós em oração e peça: “Venha o Teu reino!” (Fontes: *Deutsche Welle*, *Reuters*).

O que a Profecia Bíblica Tem a Dizer Sobre o Tempo do Fim?

Por milhares de anos as pessoas têm se fascinado com previsões sobre o fim do mundo. Jesus Cristo falou de um tempo futuro tão horrendo que nenhuma vida humana seria poupada “se aqueles dias não fossem abreviados” (Mateus 24:22). Será que Ele tinha em mente a época em que vivemos hoje? A questão crucial é quando.

Nosso esclarecedor guia de estudo bíblico “Estamos Vivendo no Tempo do Fim?” examina com detalhes o que Jesus, Seus apóstolos e os profetas bíblicos realmente disseram sobre esses dias intrigantes, referidos como o tempo do fim.

Baixe ou solicite sua cópia gratuita hoje mesmo do nosso site: portugues.ucg.org/estudos





O que isso tem a ver com o nascimento do **FILHO DE DEUS?**

De onde é o Natal? Como começou e por quê? Será que comemorar o nascimento Jesus Cristo significa honrá-Lo ou por trás disso há outra história que a maioria das pessoas não sabe?

Você sabia que os historiadores (e a Bíblia) concordam que Jesus Cristo não nasceu em 25 de dezembro?

Você sabia que essa data era bem conhecida por suas festas religiosas pagãs muito antes de Jesus Cristo nascer?

O que um alegre velhinho de casaco vermelho (que, supostamente, vive no Polo Norte e é auxiliado por duendes) tem a ver com o nascimento do Filho de Deus? E o que dizer das renas voando que puxam seu trenó?

Quanto você sabe sobre a origem da árvore de Natal? Como o azevinho veio a ser associado a esse feriado religioso e qual o motivo de beijar debaixo de um visco nessa época?

Poucas pessoas sabem por que acreditam ou

fazem as coisas que fazem — especialmente quando se trata de suas crenças e práticas religiosas. Se você quer descobrir os verdadeiros motivos da história desse feriado religioso tão popular, solicite sua cópia gratuita do guia de estudo bíblico Feriados Religiosos ou Dias Santos: Será Que Importa Quais Dias Observamos? Esse guia de estudo esclarecedor está esperando por você!

Nesse guia de estudo bíblico gratuito, você vai descobrir as verdades chocantes sobre as várias festas religiosas mais populares do mundo. Talvez seja ainda mais surpreendente a maneira como elas foram ligadas a Jesus Cristo! Para obter sua cópia gratuita, visite nosso site ou entre em contato com qualquer um de nossos escritórios listados na página 2.



Para obter sua cópia gratuita, visite nosso site: portugues.ucg.org/estudos

Faça uma doação agora!

Esta obra evangelizadora compreende a edição, publicação e distribuição gratuita desta **Boa Nova** do vindouro Reino de Deus, de vários guias de ensino bíblico, e da preparação e cuidado dos irmãos, ao redor do mundo.

Sua doação espontânea, de qualquer valor, **na conta ao lado**, ou na aba de doações do nosso site, nos ajudará a ampliar esse esforço. **Muito obrigado** pela sua colaboração.

Banco: Caixa Econômica Federal (104)

Agência: 3540

Operação: 013

Conta Poupança: 7648-8

CNPJ: 19.443.682/0001-35

Beneficiário: Igreja de Deus Unida Brasil



<http://portugues.ucg.org>